

# A Evolução do Jardim da Cordoaria e da Praça dos Leões. Transformações Urbanas e Paisagísticas no Porto

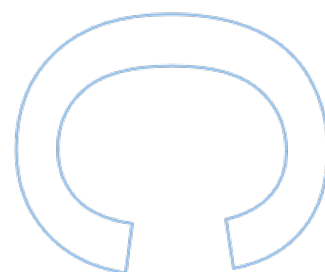
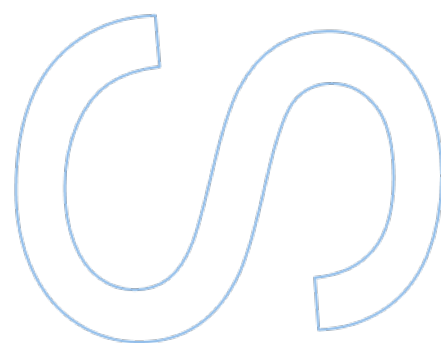
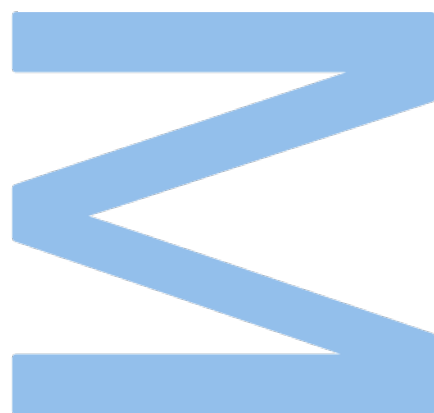
Margarida Rocha de Sousa

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

2025



# Margarida Rocha de Sousa

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arquitetura  
Paisagista

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território  
2025

## **Orientador**

Teresa Portela Marques, Arquiteta Paisagista  
Faculdade de Ciências da universidade do Porto

*Que a evolução do Jardim da  
Cordoaria e da Praça dos Leões continue a  
refletir a história e a alma do Porto.*

# Agradecimentos

À minha família, deixo um agradecimento que vai muito além das palavras. Obrigada por cada gesto de carinho, por cada palavra de incentivo e, sobretudo, pela paciência infinita nos momentos em que o cansaço e a ansiedade tomavam conta de mim. Vocês foram o porto seguro onde sempre encontrei força, a base que me sustentou quando pensei em desistir e a motivação para acreditar que era possível chegar até aqui. Este trabalho é, no fundo, também vosso, porque nasceu do amor, da confiança e da presença incondicional que sempre me deram.

Aos professores da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, expresso a minha gratidão verdadeira. Cada aula, cada orientação e cada desafio lançado foram sementes que ajudaram a moldar não apenas a estudante que sou, mas também a pessoa que me tornei. O rigor académico, aliado ao estímulo constante à curiosidade e ao pensamento crítico, deixaram marcas que levarei muito além destas páginas.

Um agradecimento do coração à Professora Teresa, que acompanhou este caminho desde os primeiros passos. Obrigado pelas visitas de estudo que despertaram em mim uma curiosidade tão genuína, pelas aulas em que me desafiou a ir além do que eu própria acreditava ser capaz e por cada momento de escuta e apoio. A sua proximidade, exigência e dedicação tornaram este percurso mais humano, mais profundo e, sem dúvida, mais transformador. A sua presença não só iluminou este trabalho, como deixou uma marca inesquecível na minha vida académica e pessoal.

## Resumo

Esta dissertação nasce do desejo de compreender a história viva inscrita nos Jardins da Cordoaria e na Praça dos Leões, dois espaços que, mais do que jardins ou praças, são memórias abertas da cidade do Porto.

Ao longo do tempo, estes lugares transformaram-se, acompanharam ritmos de mudança social, política e ambiental e tornaram-se parte do quotidiano de quem vive e atravessa a cidade.

Partindo de uma perspetiva histórica e urbanística, procurei mergulhar no tecido que os rodeia e perceber como estas transformações refletem não apenas decisões de planeamento, mas também vivências, apropriações e afetos. Através da revisão bibliográfica, do levantamento cartográfico, da análise comparativa e da observação direta, este estudo pretende revelar como estes jardins são mais do que pontos verdes no mapa: são espaços de encontro, pausa, memória e identidade.

Ao resgatar a evolução da Cordoaria e da Praça dos Leões, esta investigação procura também olhar para o futuro. Como podem estes lugares continuar a integrar-se numa cidade em constante mudança, preservando o seu valor patrimonial e simultaneamente acolhendo novas formas de uso e de vida urbana? As estratégias propostas visam não apenas a valorização e preservação destes espaços, mas também a sua reintegração como pulmões vivos da cidade — onde a sustentabilidade, a funcionalidade e a memória coletiva se encontram e dialogam.

Palavras-chave: jardins urbanos, Cordoaria, Praça dos Leões, Porto, espaço público, transformação urbana, património paisagístico.

## Abstract

This dissertation stems from a desire to understand the living history inscribed in the Jardins da Cordoaria and Praça dos Leões, two spaces that, more than gardens or squares, are open memories of the city of Porto. Over time, these places have been transformed, accompanying rhythms of social, political, and environmental change, and have become part of the daily lives of those who live in and pass through the city.

Starting from a historical and urbanistic perspective, I sought to immerse myself in the fabric that surrounds them and understand how these transformations reflect not only planning decisions, but also experiences and appropriations.

From a historical and urbanistic perspective, I sought to immerse myself in the fabric that surrounds them and understand how these transformations reflect not only planning decisions, but also experiences, appropriations, and affections. Through bibliographic review, cartographic survey, comparative analysis, and direct observation, this study aims to reveal how these gardens are more than just green spots on the map: they are spaces for meeting, pausing, memory, and identity.

By recovering the evolution of Cordoaria and Praça dos Leões, this research also seeks to look to the future. How can these places continue to integrate into a constantly changing city, preserving their heritage value while welcoming new forms of use and urban life? The proposed strategies aim not only to enhance and preserve these spaces, but also to reintegrate them as the living lungs of the city—where sustainability, functionality, and collective memory meet and dialogue.

**Keywords:** urban gardens, Cordoaria, Praça dos Leões, Porto, public space, urban transformation, landscape heritage.

# Índice

Lista de Figuras.....	vi
Lista de Abreviaturas.....	ix
1. Introdução .....	1
1.1 Apresentação do Tema .....	2
1.2 Justificação da escolha .....	3
1.3 Objetivos da Investigação.....	4
1.4 Metodologia.....	5
1.5 Estrutura da Dissertação.....	6
2. Enquadramento Histórico .....	8
2.1. A Evolução Urbana do Porto.....	9
2.2. A Inserção dos Espaços Verdes na Cidade .....	12
2.3. Jardim e Praça – Dois Modelos Distintos .....	16
2.3.1 O “Jardim Público” .....	16
2.3.2 A Praça como lugar Cívico e Representacional .....	17
3. Análise dos Espaços Estudados .....	18
3.1. Jardim da Cordoaria .....	18
3.1.1. Origens e Evolução Histórica.....	19
3.2. Praça dos Leões .....	28
3.2.1. Origens e Evolução Histórica.....	28
3.2.2. Relação com a Universidade e o Turismo.....	31
3.3 Envoltente Urbana e Integração .....	32
3.3.1. Edificado e Articulação com a Cidade.....	33
4. Transformações Urbanas e Espaços Verdes .....	34
4.1. Processos de Modernização e Alterações na Paisagem.....	34
4.2. Planeamento Urbano e Políticas Públicas.....	39
4.3. Impacto das Dinâmicas Sociais, Económicas e Ambientais .....	39

5. Estudo Comparativo e Perspetivas Futuras .....	40
5.1 Sustentabilidade e Preservação dos Jardins Urbanos .....	40
5.2 Propostas de Melhoria e Integração Funcional.....	41
6. Considerações finais .....	42
6.1 Principais Conclusões .....	42
6.2 Reflexões sobre Preservação e Intervenção.....	43
6.3 Limitações do Estudo e Sugestões para Investigação Futura.....	44
Referências Bibliográficas .....	45
Referências Webgráficas .....	47

## Lista de Figuras

Figura 1 - Uma feira na Cordoaria. Gravura de J. Forrester publicada em Portuguese Scenery, 1835 (AHMP).....	10
Figura 2 - Cidade do Porto – Planta Redonda, 1813 (AHMP).....	10
Figura 3 - Ortofotomapa SPLAL -1947 (Captura de ecrã do website da FCUP 2025).	12
Figura 4 - Ortofotomapa CMP – 1992, (Captura de ecrã do website da FCUP 2025).	12
Figura 5 - Planta Teles Ferreira – 1892 (Captura de ecrã do website da FCUP 2025). .....	12
Figura 6 - [Planta] para regular o alinhamento que se pretende nesta cerca dos reli[g]iosos Carmelitas, da Praça do Carmo ao Hospital Real de S[an]to António, 1837 – 1837 (AHMP).....	13
Figura 7 - Carta topográfica do Porto (1892, 1:500, dir. A. G. Teles Ferreira): chalé do futuro Café Chaves, “Academia Polytechnica” em obra, “Praça do Anjo” (mercado 1839–1952) e convento das Carmelitas Descalças, (AHMP).....	15
Figura 8 - Oporto - Gravura de H. Duncalf/William Henry, Toms, 1736 (JHP).....	15
Figura 9 - Trecho transcrito de “Descrição topographica, e historica da cidade do Porto” (1789, 2.ª ed.; 1.ª ed. 1788), de Agostinho Rebelo da Costa, (SIPA/DGPC).....	19
Figura 10 - O Campo da Cordoaria. - "Planta Redonda", 1813. (AHMP).....	20
Figura 11 - Plano para o novo passeio público que se projeta fazer na Praça da Cordoaria - <i>Documento/Processo, (Antes de) 1854/08/03 – 1854/11/02, (AHMP)</i> .....	20
Figura 12– Projeto, não executado, de Edward Lamb, Planta, 1856 - (AHMP).....	21
Figura 13 - Projeto, não executado, de Edward Lamb, Planta 1856 - (AHMP).....	21
Figura 14-Projeto, não executado, de Edward Lamb, 1856 - Perfis para um jardim público na Cordoaria(AHMP).....	21
Figura 15 - Projeto, não executado, de Edward Lamb, 1856 - o chafariz, e bancos de jardim cobertos (AHMP). ....	21
Figura 16- Aguarela de Émílio David, 1866, apresentada à Câmara por Alfredo Allen. <i>O Tripeiro</i> , 1910. (Foto:ACV) .....	22
Figura 17 – Aguarela de Émílio David, 1866, apresentada à Câmara por Alfredo Allen. <i>O Tripeiro</i> , 1910. (Foto:ACV).....	22
Figura 18 – Jardim da Cordoaria. Açafate,1889. <i>O Tripeiro</i> , 1967.....	23
Figura 19 - <i>A Flora</i> - monumento a Marques Loureiro do escultor Teixeira Lopes- 1904 .....	24
Figura 20- Jardim da Cordoaria. Alto-relevo de Marques Loureiro no pedestal de <i>A Flora</i> , 1789 (Costa, A. R).....	24

Figura 21- Jardim da Cordoaria com a Torre dos Clérigos ao fundo, vista da alameda poente, c. início séc. XX, (AHMP) .....	24
Figura 22 - Campo dos Mártires da Pátria (Cordoaria) com a Torre dos Clérigos ao fundo, circulação com carruagem, c. 1900–1910, (AHMP).....	24
Figura 23 - Monólito a António Nobre (1927), (AHMP) .....	24
Figura 24-Interior do Café Chaves quando esteve instalado na rua de D. Pedro. Aurélio Paz dos Reis, c.1910.....	24
Figura 25 - Jardim da Cordoaria, depois do ciclone de 1941. <i>O Tripeiro</i> , 1962.....	25
Figura 26- Jardim da Cordoaria com gradeamento e portões, finais do séc. XIX (?). <i>O Tripeiro</i> , 1961. ....	25
Figura 27 - Recinto infantil 1940-1950, (AHMP).....	25
Figura 28 - Jardim da Cordoaria (Jardim João Chagas). Estátua de Ramalho Ortigão, de Leopoldo de Almeida, mármore, inaugurada em 21 de agosto de 1954; (Fonte: SIPA) .....	26
Figura 29 - Jardim da Cordoaria- Árvore da Forca- ( <i>Ulmus sp.</i> ) em primeiro plano, com a Torre dos Clérigos ao fundo; fotografia histórica, s.d. [c. 1930–1950]. Foto: (AHMP) .....	26
Figura 30 - Jardim da Cordoaria - Ulmeiro conhecido como A Árvore da Forca,1986. (Foto: Teresa Andersen) .....	26
Figura 31 - Alameda de plátanos do Jardim da Cordoaria. In: Teresa Andresen; Teresa Portela Marques, <i>Jardins Históricos do Porto</i> , 2001. ....	26
Figura 32 - Jardim da Cordoaria. Uma araucária centenária. In: Teresa Andresen; Teresa Portela Marques, <i>Jardins Históricos do Porto</i> , 2001.....	27
Figura 33 - Os Treze a Rir Uns dos Outros - 2000, (AHMP).....	27
Figura 34- Desenho original da Fonte Monumental dos Leões, projetada para a Praça de D. Pedro no Porto, 1885 (AHMP).....	29
Figura 35 - Fonte dos Leões em frente ao edifício da Reitoria da Universidade do Porto, Praça dos Leões, Porto. – 1887 (AHMP) .....	29
Figura 36 - Fonte dos Leões e envolvente, Praça dos Leões, Porto. A imagem integra o acervo do Arquivo Fotográfico dos SMAS, 1887.....	29
Figura 37 - A Praça dos Voluntários da Rainha com calçada e mosaico e sem tílias no contorno, 1900–1915 (AHMP).....	29
Figura 38 - O Jardim da Praça dos Voluntários da Rainha - Postal ilustrado, 1900–1915 (AHMP).....	29

Figura 39 - Fonte dos Leões e Igreja do Carmo na Praça de Gomes Teixeira, Porto. A imagem evidencia o jardim florido, o enquadramento urbano e o icónico revestimento de azulejos na fachada lateral da igreja. 1970, (AHMP) .....	30
Figura 40 - Porto Alegre. Aspeto Praça - Novembro 1930, (Wikimedia Commons) ....	30
Figura 41 - Cortejos Académicos, 2024 (Jornal Público) .....	30
Figura 42 - Requalificação pedonal e aumento do fluxo turístico, 2000-2010 (Águas e Energia do Porto). .....	30
Figura 43 - Vista histórica da Praça de Gomes Teixeira (antiga Praça da Universidade), Porto, aproximadamente década de 1950. (AHMP).....	31
Figura 44 - Edifício da Reitoria da Universidade do Porto visto a partir da Praça de Gomes Teixeira (antiga Praça da Universidade), Porto, cerca de 1930. (AHMP) .....	31
Figura 45- Planta cartográfica da cidade do Porto, início do século XX. A imagem mostra o traçado urbano detalhado, incluindo as principais vias, zonas habitacionais, áreas verdes e o percurso do rio Douro, com destaque para o eixo central entre o Jardim da Cordoaria, Praça dos Leões e proximidade da frente ribeirinha. (AHMP) .....	33
Figura 46 - Jardim da Cardoaria, Abril 28, 2024 –(Porto Secreto) .....	34
Figura 47 - Jardim da Cordoaria, (18??-18??) (AHMP) .....	34
Figura 48 - Planta topográfica do Porto - Quadrícula n.º 236 - Teles Ferreira, 1892 (AHMP).....	35
Figura 49 - Planta topográfica do Porto - Quadrícula n.º 257 - Teles Ferreira, 1892 (AHMP).....	35
Figura 50 - Planta topográfica do Porto - Quadrícula n.º 256 - Teles Ferreira, 1892 (AHMP).....	35
Figura 51- Planta topográfica do Porto - Quadrícula n.º 237 - Teles Ferreira, 1892 (AHMP).....	35
Figura 52 - Planta cartográfica do centro do Porto, n.º 235 Em destaque, o Jardim da Cordoaria à esquerda, com os seus traçados geométricos, e a área envolvente à Praça dos Leões, 1892 (AHMP). .....	37
Figura 53 - Jardim Botânico do Porto. 2025, (MHNC-UP) .....	38

## Lista de Abreviaturas

ACV	ARQUIVO CÂMARA DO PORTO
AHMP	ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DO PORTO
DGES	DIREÇÃO GERAL DO ENSINO SUPERIOR
DGPC	DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL
FCT	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA
FCUP	FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
JHP	JARDINS HISTÓRICOS DO PORTO
MHNC-UP	MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA DA
PROAP	ESTUDOS E PROJETOS DE ARQUITETURA PAISAGISTA,
UP	LDA
SIPA	UNIVERSIDADE DO PORTO
	UNIVERSIDADE DO PORTO
SPLAL	SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO
	ARQUITECTÓNICO
	SOCIEDADE PORTUGUESA DE LEVANTAMENTOS AÉREOS,
	LDA

# 1. Introdução

A cidade do Porto, consagrada património mundial da humanidade, distingue-se não apenas pela configuração ímpar da sua topografia ribeirinha e pelo património arquitetónico multissecular, mas também pela riqueza e diversidade dos seus espaços verdes urbanos. Estes refúgios vegetais, disseminados na malha do centro histórico, emergem como elementos indissociáveis do tecido citadino, assumindo papéis que transcendem a mera função ecológica e ornamental, afirmando-se enquanto plataformas de sociabilidade, memória coletiva e transformação identitária. Cada jardim, praça ou alameda encerra em si uma narrativa própria que dialoga com as sucessivas camadas do crescimento e metamorfose urbana, refletindo condicionantes ambientais, opções de planeamento e dinâmicas sociopolíticas ao longo do tempo.

No universo dos espaços verdes portuenses, sobressaem, de modo particular, os Jardins da Cordoaria e a Praça Gomes Teixeira (popularmente conhecida como Praça dos Leões), enquanto campos privilegiados para interrogar os processos de evolução morfológica, paisagística e cultural da cidade. Estes lugares, profundamente enraizados no imaginário urbano, ilustram fases distintas da modernização e renovação do Porto, espelhando confluências entre desenho paisagista, apropriação social, cenários políticos e estratégias de intervenção pública. A abordagem à génese, desenvolvimento e reinvenção destes espaços, permite evidenciar as relações entre o património tangível e intangível, assim como, o papel do planeamento paisagístico como agente de mediação entre conservação e inovação.

A presente dissertação propõe-se, assim, realizar uma análise integrada da evolução histórica e funcional dos Jardins da Cordoaria e da Praça dos Leões, perscrutando as formas como as decisões de planeamento, intervenções arquitetónicas e expectativas coletivas moldaram as dinâmicas de uso e significado destes espaços ao longo de sucessivos períodos. Com um enquadramento metodológico multidisciplinar, a investigação recorre a fontes históricas, documentos cartográficos, registos iconográficos, análise direta e estudos comparativos, de modo a articular a evolução material dos jardins com os diferentes discursos e práticas que fundam a sua existência e permanência.

Pretende-se, em última instância, que este exercício académico transcenda o mero levantamento descritivo, reivindicando antes uma abordagem reflexiva e propositiva

capaz de contribuir para um debate informado sobre estratégias integradas de reabilitação, gestão e valorização do património paisagístico urbano.

Recorrendo a fundamentos críticos da arquitetura paisagista, urbanismo e ciências sociais, visa-se sustentar recomendações que promovam a coexistência entre memória histórica, usabilidade contemporânea e sustentabilidade, reforçando o papel dos espaços verdes históricos na construção da qualidade de vida e identidade cidadina do Porto.

## 1.1 Apresentação do Tema

O tema "A Evolução dos Jardins da Cordoaria e da Praça dos Leões: Transformações Urbanas e Paisagísticas" inscreve-se na confluência entre a história urbana, a arquitetura paisagista e as ciências sociais, assumindo uma abordagem sensível ao diálogo entre memória coletiva e transformação morfológica. O Porto, enquanto cidade de camadas históricas sobrepostas, revela-se através de inúmeros elementos distintivos, entre os quais os espaços verdes desempenham um papel central na identidade dos territórios e na vitalização do quotidiano cidadão. Estes jardins e praças não são apenas testemunhos da evolução da cidade, mas também, processos sociais, culturais e políticos que moldaram a sua identidade ao longo dos séculos.

Ao longo da sua história, os Jardins da Cordoaria e a Praça dos Leões foram palco de múltiplas transformações de projeto, funcionais e simbólicas, refletindo tendências urbanísticas, sensibilidades paisagista e aspirações sociais próprias de cada época. Essas dinâmicas manifestam-se na materialidade dos espaços, nos regimes de usos, nas apropriações coletivas e até nos discursos de poder que emanam da sua reconfiguração, tornando-os espelhos vivos das vicissitudes e permanências da cidade do Porto. A compreensão aprofundada destes jardins como construtores de memória e identidade ultrapassa a descrição físico-espacial, permitindo reconhecer que são também reservatórios de significados afetivos, lugares de resistência e renovação dentro do tecido urbano.

Esta dissertação propõe, portanto, uma leitura multidimensional destes emblemáticos espaços verdes, interligando perspetivas históricas, urbanísticas e paisagistas, para evidenciar as interações complexas entre planeamento urbano, práticas culturais e vivências quotidianas. Ao debruçar-se sobre a evolução dos Jardins da Cordoaria e da

Praça dos Leões, o estudo pretende demonstrar como a materialidade dos espaços verdes e a intangibilidade das experiências urbanas, a forma como se entrelaçam para produzir sentidos de pertença, valor patrimonial e resiliência coletiva.

Desta forma, investiga-se como estas áreas, para além de pontos de passagem ou lazer, se constituem em palcos ativos do contínuo processo de transformação e negociação do espaço público no Porto, contribuindo decisivamente para a sua vitalidade e contemporaneidade.

## 1.2 Justificação da escolha

A escolha dos Jardins da Cordoaria e da Praça dos Leões como objeto de estudo, assenta na relevância que ambos assumem no panorama urbano, social e cultural da cidade do Porto. A sua localização central e a relação direta que mantêm com instituições de grande prestígio, como a Universidade do Porto, conferem a estes espaços uma visibilidade e uma importância que ultrapassam a mera dimensão paisagista, transformando-os em referências simbólicas do quotidiano da cidade.

Estes dois jardins transportam em si diferentes camadas de história urbana. Ao longo do tempo, foram palco de sucessivas transformações que refletem as mudanças na forma de conceber o espaço público, no modo como a cidade se expandiu e nas prioridades sociais e políticas em cada época. A presença de esculturas, de elementos arquitetónicos e de soluções de desenho paisagístico contribui para a sua leitura como autênticos "arquivos vivos" da identidade portuense, nos quais é possível reconhecer tanto a herança histórica como as estratégias de modernização.

A dimensão social constitui igualmente um dos aspetos centrais da sua relevância. A Praça dos Leões e os Jardins da Cordoaria não são apenas estruturas espaciais: são locais de encontro e permanência, atravessados diariamente por estudantes, residentes, turistas e visitantes ocasionais. O seu papel como espaços de convivência intergeracional e intercultural traduz a forma como o Porto constrói a sua identidade coletiva através do uso quotidiano do espaço público. Ao mesmo tempo, representam áreas de fruição que contribuem para a qualidade de vida urbana, desempenhando funções que vão desde a apropriação lúdica e contemplativa, até ao acolhimento de eventos culturais e manifestações sociais.

Num contexto atual, marcado por profundas transformações, estes espaços verdes históricos enfrentam novos desafios. Por um lado, são pressionados por fenómenos como a intensificação da circulação e a necessidade de responder a novas exigências de mobilidade e sustentabilidade. Por outro, assistimos ao risco constante de intervenções descontextualizadas que podem, deste modo, ameaçar a sua integridade paisagista e simbólica. Neste sentido, estudar os Jardins da Cordoaria e a Praça dos Leões, significa também refletir sobre a tensão entre preservação patrimonial e adaptação às dinâmicas da contemporaneidade urbana.

A pertinência da escolha reside, ainda, na possibilidade de análise comparativa que ambos os espaços permitem: cada um com a sua especificidade formal, mas unidos pela representatividade e centralidade na malha da cidade. A leitura cruzada proporciona uma compreensão mais ampla sobre o papel dos jardins históricos no tecido contemporâneo e sobre como a sua gestão e reinvenção podem servir de modelo, ou de alerta, para outras cidades que enfrentam problemáticas semelhantes.

Deste modo, a investigação proposta vai além de uma abordagem descritiva. Pretende levantar questões críticas e propositivas sobre a preservação, valorização e reinvenção dos espaços verdes históricos, interrogando de que forma estes podem ser reinterpretados sem perder o valor patrimonial que lhes confere singularidade. Ao mesmo tempo, abre caminho para pensar no contributo destes espaços para a qualidade de vida urbana, assim como, para a memória coletiva e para a afirmação do Porto, enquanto cidade que alia identidade histórica e capacidade de renovação.

### 1.3 Objetivos da Investigação

O presente trabalho propõe-se analisar em profundidade o percurso de transformação dos Jardins da Cordoaria e da Praça dos Leões, no Porto, valorizando a multiplicidade das suas dimensões físicas, funcionais, simbólicas e sociais ao longo do tempo. Para tal, a investigação assenta nos seguintes objetivos, acompanhados de levantamentos cartográficos e históricos, que dão sustentação à abordagem:

Inicialmente, identificar e caracterizar as principais fases de desenvolvimento, reconfiguração e intervenção nestes espaços, através do cruzamento de diferentes fontes documentais: cartografia histórica, fotografias antigas, processos camarários e projetos paisagísticos.

Assenta, também, em avaliar a integração dos jardins no tecido urbano envolvente, estudando as relações de proximidade e complementaridade com edifícios históricos, equipamentos culturais e vias de circulação. Para tal, recorrer-se-á ao levantamento fotográfico e cartográfico atual, à observação in loco e à análise de fluxos de pessoas e atividades quotidianas. A investigação pretende perceber em que medida estes espaços funcionam como polos de ligação, zonas de charneira ou âncoras identitárias para o centro do Porto.

Adicionalmente, analisar a dimensão simbólica e social destes espaços verdes, dando voz à memória coletiva e às vivências dos diferentes utilizadores: residentes, estudantes, comerciantes, turistas e outros atores do território. Será privilegiada a recolha de testemunhos orais, observação participante e análise de eventos significativos realizados nos jardins (manifestações, celebrações, intervenções artísticas, etc.), para revelar a riqueza dos significados atribuídos a estes lugares e a forma como contribuem para fortalecer laços de pertença à cidade.

Por fim, propor linhas de orientação para a preservação e valorização futura dos Jardins da Cordoaria e da Praça dos Leões, integrando as perspetivas de sustentabilidade ambiental, inclusão social, adaptação à pressão turística e valorização do património material e imaterial. Estas recomendações resultarão de uma análise crítica dos casos estudados, mas também da auscultação de agentes institucionais, movimentos cívicos e especialistas em património e paisagismo. O objetivo será produzir contributos aplicáveis, capazes de informar futuras políticas de intervenção, tendo sempre em vista o equilíbrio entre inovação e respeito pela identidade destes espaços.

## 1.4 Metodologia

Em primeiro lugar, procedeu-se a uma revisão bibliográfica e documental, recorrendo a fontes bibliográficas, cartográficas, normativas e iconográficas. Esta etapa permitiu não só reconstruir a evolução dos jardins e identificar os principais marcos da sua transformação, mas também compreender o enquadramento teórico dos debates em torno dos espaços verdes históricos e do seu papel na cidade contemporânea. Foram consultadas monografias, artigos científicos, planos urbanísticos, regulamentos municipais, desenhos antigos, fotografias de época e relatos de cronistas, procurando cruzar diferentes perspetivas e interpretações.

A segunda vertente da metodologia materializou-se num levantamento cartográfico e fotográfico, realizado tanto à escala macro (articulação com a malha urbana envolvente) como à escala micro (morfologia interna dos jardins, elementos naturais e construídos). Deste modo, a comparação de mapas e imagens de diferentes épocas permitiu identificar alterações morfológicas, transformações na relação com o edificado adjacente, perdas e ganhos de elementos emblemáticos, bem como tendências de apropriação e reorganização do espaço.

Complementarmente, foi realizada uma observação direta nos próprios jardins, durante diferentes momentos do dia e da semana. Este método permitiu registar usos atuais, fluxos de circulação, tipos de atividades desenvolvidas, dinâmicas de permanência e temporalidade dos frequentadores, bem como o impacto de eventos ou intervenções ocasionais.

O registo fotográfico de campo foi acompanhado de notas de observação sistematizadas, valorizando tanto aspetos quantitativos (número de utilizadores, tipologia de usos) como qualitativos (perceções, apropriações simbólicas, gestos de interação com o espaço).

A triangulação destas metodologias - revisão documental, análise comparativa de cartografia/fotografia e observação participante - permite construir uma perspetiva abrangente e fundamentada sobre os jardins analisados. Ao cruzar dados objetivos e impressões subjetivas, a investigação busca não só compreender a evolução físico-morfológica dos locais, mas também captar o modo como estes espaços foram e são apropriados, sentidos e transformados pelos diferentes utilizadores e pelas sucessivas dinâmicas urbanas. A articulação destas ferramentas metodológicas fundamenta, assim, uma reflexão crítica e informada sobre o passado, o presente e os possíveis futuros dos Jardins da Cordoaria e da Praça dos Leões.

## 1.5 Estrutura da Dissertação

Esta dissertação encontra-se organizada em seis capítulos principais, cada um desenhado para contribuir de forma articulada e progressiva para o desenvolvimento do estudo.

Após esta introdução, que estabelece os fundamentos e a problematização do tema, o Capítulo 2 contextualiza a evolução urbana do Porto e o enquadramento dos espaços verdes na malha histórica, tomando como referência a formação do Jardim de João

Chagas/Cordoaria no antigo Campo do Olival e a sua consolidação oitocentista. Segundo o repositório institucional da U.Porto e a síntese municipal recente, este jardim romântico traçado por Émile David, as suas peças escultóricas e as requalificações do século XXI situam-no como caso paradigmático da inserção de verde estruturante no centro consolidado. De acordo com as fichas patrimoniais e notas históricas da Praça de Gomes Teixeira, a abordagem à praça articula o edifício da Reitoria, a toponímia e a Fonte dos Leões, integrando a leitura cívica e representacional do lugar.

O Capítulo 3 aprofunda origens, transformações e relação dos dois casos com o ambiente urbano, inventariando características físicas e funcionais e examinando elementos simbólicos e usos sociais com base em documentação institucional e patrimonial. Conforme a literatura sobre qualidade do espaço público, a análise combina observação de conforto, acessibilidade, permanência e mistura de atividades com indicadores centrados nas pessoas. A leitura comparada dos componentes paisagísticos, artísticos e institucionais é cruzada com a galeria documental e registos fotográficos históricos, reforçando a interpretação morfológica e cultura.

Já no Capítulo 4, o foco recai nos processos de modernização que reconfiguraram o jardim e a praça, discutindo as intervenções da viragem do milénio e as requalificações municipais em curso. Segundo a estratégia de soluções baseadas na natureza do Município, medidas como gestão de solos, drenagem, cobertos vegetais e iluminação eficiente procuram compatibilizar conservação ecológica e fruição intensiva. De acordo com as diretrizes do UN-Habitat, o enquadramento de políticas e desenho deve seguir princípios de segurança, inclusão, acessibilidade e verde urbano.

O Capítulo 5 sistematiza semelhanças e diferenças entre Cordoaria e Praça dos Leões, destacando padrões de uso, sobreposições históricas e desafios de gestão sob uma lente centrada na experiência pedonal e na permanência social.

Em linha com o programa global de espaço público do UN-Habitat, propõem-se perspectivas para ativação, manutenção e monitorização contínuas à escala de rede, articulando cultura, universidade e património

Por fim, O Capítulo 6 sintetiza implicações teóricas e práticas, defendendo a convergência entre salvaguarda histórica e desenho centrado nas pessoas para garantir vitalidade, pertença e qualidade do “entre-edifícios”.

Para investigação futura, recomenda-se inventariação florística e iconográfica atualizada e metodologias participativas como “walkthroughs” e “focus groups” in situ, robustecendo o diálogo comunidade-técnicos.

A dissertação é complementada com uma secção de referências bibliográficas, que reúnem as fontes consultadas e citadas ao longo do trabalho, bem como com os anexos onde são disponibilizados documentos, mapas e materiais que sustentam e agregam o devido valor à análise realizada.

## 2. Enquadramento Histórico

Neste capítulo, apresenta-se uma abordagem geral sobre a evolução urbana do Porto e a inserção dos espaços verdes na cidade, estabelecendo o contexto para a análise aprofundada dos Jardins da Cordoaria e da Praça dos Leões no capítulo seguinte.

Segundo Orlando Vereador do Pelouro do Ambiente (citado em publicação *institucional da Câmara Municipal do Porto*) -1998–2000, “Entender os espaços verdes como um dos principais fatores integradores e potenciadores do equilíbrio e qualidade do ambiente urbano, tem constituído a principal motivação para o grau de intervenção prioritária que se tem assumido desde os inícios dos anos 90. Os cerca de 3000 hectares de espaços verdes existentes atualmente no concelho do Porto, quando nos finais da década de 80 não excediam os 60 hectares, destacando-se desde logo o ambicioso projeto que constitui no Parque da Cidade, a par da recuperação e requalificação de espaços degradados, espelha bem a atenção prioritária, dada neste domínio de intervenção ambiental. Fica, pois, aqui o desafio para a descoberta ao reencontro dos nossos parques e jardins públicos, numa mostra natural de um espólio valioso da cidade, cabendo a todos assegurar a sua correta utilização e preservação.”

A integração progressiva dos espaços verdes na malha urbana do Porto é reflexo de uma viragem profunda nas políticas ambientais e urbanísticas das últimas décadas. Desde o início dos anos 1990, a cidade adotou uma postura inovadora ao reconhecer os espaços verdes como infraestruturas essenciais para o equilíbrio ecológico, bem-estar social e qualidade de vida dos seus habitantes.

Esta aposta estratégica materializou-se na conexão progressiva dos diferentes parques e jardins por corredores ecológicos e áreas verdes, promovendo a emergência de um “verde contínuo” articulado, que integra também espaços privados

e zonas agrícolas periféricas.

É neste contexto que se coloca o desafio coletivo de assegurar a utilização correta, a preservação e a renovação permanente destes espaços, afirmando-os como elementos vitais de um “espólio natural” em constante construção e descoberta. Tal estratégia depende não apenas de intervenções técnicas, mas da mobilização de uma cidadania ativa, sensível à importância dos espaços verdes na vitalidade e sustentabilidade urbanas.

## 2.1. A Evolução Urbana do Porto

Segundo a investigação de Marie-Thérèse Mandroux-França, " Quatro fases da urbanização do Porto no século XVIII"(Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, 2, 1984, pp. 239–274), e de Joaquim Ferreira Alves, "O Porto na Época dos Almadas", 1757–1804 (Porto, 1988), a cidade do Porto apresenta uma evolução urbana marcada por sucessivas etapas de ocupação, expansão e reorganização. O núcleo original desenvolveu-se no morro da Sé, beneficiando de condições defensivas naturais e de proximidade ao Douro, o que favoreceu o crescimento inicial da cidade.

A cidade do Porto caracteriza-se por um processo de crescimento predominantemente orgânico, marcado pela justaposição de estruturas medievais, campos agrícolas e sucessivas redes de circulação. Desde a Idade Média, a urbe expandiu-se entre muralhas, ocupando áreas que inicialmente eram dedicadas à produção agrícola ou de uso comunitário. De acordo com os Monumentos.gov.pt (SIPA), este espaço ilustra bem a mutação do solo urbano ao longo dos séculos, que detalha o processo de transformação do Campo do Olival em Alameda e depois em jardim público, destacando os usos diversos ao longo do tempo): de terrenos de cultivo a palco de usos militares, administrativos e, finalmente, de lazer e convivência, refletindo a evolução das funções urbanas ao ritmo das necessidades sociais e dos desígnios do poder municipal.



Figura 1 - Uma feira na Cordoaria. Gravura de J. Forrester publicada em Portuguese Scenery, 1835 (AHMP).

Ao longo do tempo, o desenvolvimento urbano do Porto foi pautado por sucessivos períodos de expansão, impulsionados ora por necessidades defensivas e controle territorial, ora pela industrialização e crescimento demográfico dos séculos XIX e XX. Estes movimentos, frequentemente assimétricos, trouxeram desafios para a integração de espaços livres e para a relação entre a cidade construída e a natureza. Os jardins históricos, localizados no núcleo antigo, assumiram um papel central enquanto elementos de enquadramento ambiental, e como símbolos de valorização paisagista e de defesa de um património vegetal e cultural amplamente reconhecido.



Figura 2 - Cidade do Porto – Planta Redonda, 1813 (AHMP).

A planta redonda de George Balck, publicada em 1813, é um dos documentos cartográficos mais emblemáticos da cidade do Porto. Esta planta, desenhada para fins militares, constitui o primeiro grande registo topográfico urbano do Porto, oferecendo uma visão detalhada da organização da cidade no início do século XIX. No seu traçado circular e rigorosamente delimitado, pode-se identificar tanto as muralhas, os principais

eixos viários e monumentos como os terrenos ainda semi-rurais no interior e à volta da urbe.

O património verde da cidade reflete distintas fases e lógicas de intervenção. Entre os jardins históricos mais emblemáticos destacam-se os Jardins de S. Lázaro, o Palácio de Cristal, a Cordoaria, o Passeio Alegre, o Carregal, o Campo 24 de Agosto, a Arca de Água, a Praça da República e o Horto das Virtudes. Estes espaços partilham uma identidade enraizada no tecido urbano antigo, sendo alvo, em tempos recentes, de programas de revalorização e requalificação motivados pela necessidade de preservar o seu valor patrimonial e ambiental para continuar a ser vivido e reconhecido pelas novas gerações. De acordo com a Associação Portuguesa dos Jardins históricos, são estes os jardins que melhor simbolizam a vitalidade verde do Porto e a forma como a cidade procura harmonizar herança e futuro.

Nos últimos anos, observou-se uma crescente valorização dos parques e quintas públicas do Porto, muitas vezes localizados em áreas periféricas ou zonas de expansão urbana. Exemplos como a Quinta do Covelo, o Parque de S. Roque e o Parque da Pasteleira evidenciam uma nova visão de gestão do espaço verde, mais ecológica e participativa, de acordo com a Domus Social (2024). Neste contexto, o espaço verde é entendido como uma infraestrutura fundamental para o recreio ativo, lazer e contacto com a natureza, promovendo simultaneamente a inclusão social e a sustentabilidade ambiental.

A evolução urbana do Porto, portanto, exprime-se tanto na complexa articulação entre o núcleo antigo e os novos bairros como na capacidade de transformar espaços residuais em lugares de convivência e qualidade de vida. Os jardins e parques públicos, longe de serem meros adereços ornamentais, revelam-se protagonistas de uma história em construção, protagonizando o diálogo permanente entre património, modernidade e necessidades contemporâneas da cidade e dos seus habitantes.

## 2.2. A Inserção dos Espaços Verdes na Cidade

Com base em cartografia do século XIX e em ortofotografias do século XX, observam-se alterações morfológicas significativas na envolvente dos Jardins da Cordoaria e da Praça dos Leões, evidenciando processos de densificação, reconfiguração viária e valorização patrimonial ao longo do tempo. O Jardim da Cordoaria, historicamente ligado a atividades artesanais e mais tarde reinterpretado como espaço romântico de lazer, integra hoje espécies botânicas de origem diversa, escultura e equipamentos que suportam usos múltiplos e sociabilidades contemporâneas.



Figura 3 - Planta Teles Ferreira – 1892 (Captura de ecrã do website da FCUP 2025).



Figura 4 - Ortofotomapa SPLAL -1947 (Captura de ecrã do website da FCUP 2025).

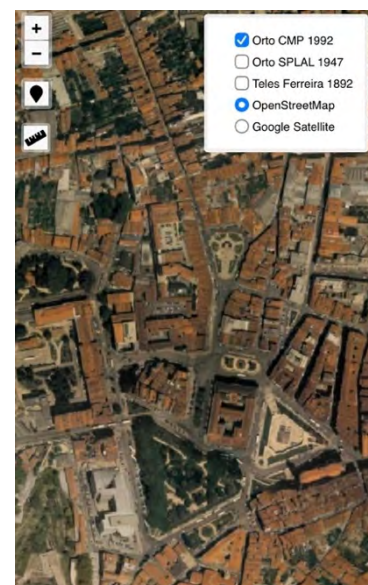


Figura 5 - Ortofotomapa CMP – 1992, (Captura de ecrã do website da FCUP 2025)

A Praça dos Leões, organizada em torno da sua fonte emblemática, afirma a monumentalidade do espaço público e funciona como palco de dinâmicas culturais, académicas e turísticas no centro urbano.

As imagens retiradas, correspondem a capturas de ecrã realizadas pelo autor utilizadas exclusivamente para análise comparativa, mostram a evolução morfológica e urbana tanto da área dos Jardins da Cordoaria como da Praça dos Leões em três momentos históricos: século XIX (Teles Ferreira, 1892), meados do século XX (SPLAL, 1947) e finais do século XX (CMP, 1992).

Os mapas revelam transformações tanto no espaço verde como na envolvente urbana, aspetos essenciais para o enquadramento histórico e contextual do capítulo 2 da dissertação.

Na Planta de 1892 de Teles Ferreira, observa-se um tecido urbano consolidado, mas com menor ocupação volumétrica no contacto direto com o Jardim da Cordoaria, onde a Carta regista jardins, logradouros e cercas institucionais (como o Convento e Cerca das Carmelitas), compondo uma orla menos densa em torno do espaço verde. Esta interpretação decorre da própria natureza da Carta de 1892, que documenta com rigor os Jardins Públicos e grandes espaços ajardinados como contraponto à frente edificada, permitindo ler vazios estruturais e transições de densidade na área da Cordoaria. A estrutura da malha evidencia, em simultâneo, a permanência de traçados medievais, reconhecíveis por enfiamentos e pela estreiteza de ruas e passagens, características que a bibliografia e os instrumentos municipais assinalam para o Centro Histórico.

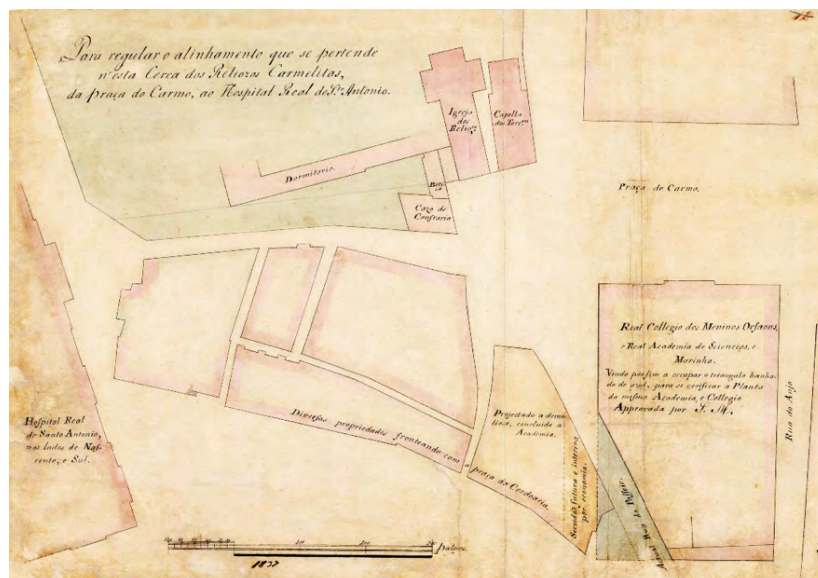


Figura 6 - [Planta] para regular o alinhamento que se pretende nesta cerca dos relig[i]osos Carmelitas, da Praça do Carmo ao Hospital Real de S[an]to António, 1837 – 1837 (AHMP).

Este mapa constitui uma importante fonte primária de informação para ilustrar a relação, no mesmo território, entre os espaços das ordens religiosas, das instituições de saúde e assistenciais e dos quarteirões habitacionais na zona da Cordoaria-Carmo.

Esta planta histórica, realizada pouco tempo depois da extinção das Ordens Religiosas, apresenta um raro e revelador retrato da estrutura urbana e institucional do Porto centrando-se na envolvente da Cerca dos Religiosos Carmelitas, da Praça do Carmo e do Hospital Real de Santo António. Trata-se de um documento cartográfico de grande valor, não só pela representação arquitetónica e parcelar do território, mas sobretudo pela riqueza das anotações e pela expressão das intenções de reorganização do espaço urbano.

Deste modo, ao analisar o mapa, é possível destacar, a Norte, a cerca do Convento dos Carmelita, claramente identificado e distinguido, o que evidencia a presença das ordens religiosas na vida urbana desta área. Junto ao edifício principal, aparecem dependências associadas e pátios internos, sugerindo um complexo autossuficiente com espaços de recolhimento e vivência comunitária.

Importa salientar que, o desenho mostra com nitidez percursos e ligações entre o convento, a Praça do Carmo e o Hospital de Santo António. A disposição das ruas, sugere tanto o crescimento urbano quanto a preocupação em garantir acessos diretos e eficazes entre polos estratégicos. Observe-se o caminho principal assinalado para regular o "alinhamento" entre a casa das Carmelitas e o hospital. Para além dos edifícios conventuais e hospitalares, está representado o "Real Colégio dos Meninos Órfãos", bem como terrenos de hortas, jardins e outras dependências. Este mosaico de funções ilustra a interface entre espiritualidade, assistência social, educação e saúde.

Acresce referir que, no mapa, a área indicada como "Projetado a demolir com a conclusão da Academia" refere-se a uma intervenção planeada para a substituição do edifício existente na altura, por uma nova estrutura ligada à Academia Médica, simbolizando a modernização do urbanismo. Esta demolição projetada reflete também a adaptação da cidade às necessidades contemporâneas da época, num processo de requalificação urbana do Século XIX.

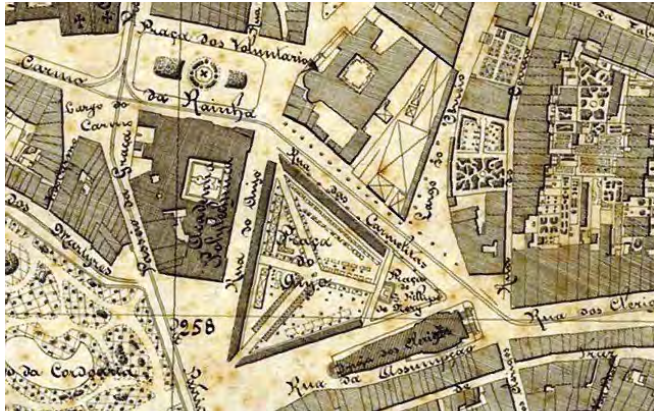


Figura 7 - Carta topográfica do Porto (1892, 1:500, dir. A. G. Teles Ferreira): chalé do futuro Café Chaves, “Academia Polytechnica” em obra, “Praça do Anjo” (mercado 1839–1952) e convento das Carmelitas Descalças, (AHMP).

## 2.2.1 Os primeiros jardins públicos

A história dos primeiros jardins públicos do Porto está intimamente ligada à evolução dos espaços urbanos e à necessidade crescente de convívio social na cidade no séc. XIX. Antes da criação destes jardins, os habitantes do Porto frequentavam alamedas e os campos localizados fora da muralha junto às portas do burgo. Nestes espaços, como refere Agostinho Rebelo da Costa, existiam diversas atividades, onde se destaca o papel do Campo da Cordoaria, da Praça Nova das Hortas e de outros terreiros e praças como pontos de encontro, feiras e paradas militares.

No interior da muralha, o denso casario limitava os espaços abertos públicos, sendo as cercas e hortos dos conventos, como São Francisco, Santa Clara e São Bento de Avé-Maria, os principais espaços verdes, ainda que de natureza privada. A gravura de H. Duncalf (1736) ilustra esta realidade mostrando o perímetro muralhado e os socalcos arborizados sobre o Douro.



Figura 8 - Oporto - Gravura de H. Duncalf/William Henry, Toms, 1736 (JHP)

Seriam então os Campos que, mais tarde, viriam a ser transformados em jardins públicos que, ainda hoje, constituem elementos essenciais da rede de espaços verdes públicos da cidade. Entre outros, o Campo do Olival transformou-se no Jardim da Cordoaria, o das Hortas na Praça Nova, o dos Ferradores na Praça Carlos Alberto, o de Santo Ovídio na Praça da República, o de São Lázaro no Jardim de São Lázaro.

Com a modernização das cidades, os espaços livres passaram a ganhar um novo estatuto: tornaram-se espaços de saúde pública, lazer e representação. Analisa-se como, ao longo dos séculos, os espaços verdes foram progressivamente incorporados na estrutura da cidade do Porto, deixando de ser elementos isolados para integrarem uma rede de fruição e representação do tecido urbano.

O jardim e a praça que aqui se estudam são exemplos dessa transformação, refletindo os valores e gostos de cada época.

## 2.3. Jardim e Praça – Dois Modelos Distintos

Segundo a literatura sobre a história urbana do Porto, o jardim e a praça afirmam-se como dois modelos complementares e fundamentais de espaço público, cada um com funções, formas e significados próprios que refletem a evolução cultural da cidade.

### 2.3.1 O “Jardim Público”

O termo “jardim público” adquire relevância com o movimento romântico europeu, especialmente a partir do século XIX, época em que se valoriza o contacto com a natureza, o lazer contemplativo e o passeio como formas de bem-estar e elevação moral da sociedade. Inspirados por esta sensibilidade, os jardins públicos ganham formas orgânicas, caminhos sinuosos, plantas ornamentais e recantos que convidam à pausa e à fruição estética – distanciando-se do jardim utilitário ou produtivo.

É resultado de rápidos e decisivos avanços tecnológicos que fomentam o êxodo rural e a criação de uma população com características essencialmente urbanas e industriais, vivendo frequentemente em habitações privadas de espaços exteriores e em ambientes insalubres. É neste contexto que o conceito de jardim público é encarado como um instrumento de reforma social enquanto lugar essencial para o recreio das classes socialmente mais desfavorecidas. J. C. Loudon é um dos promotores desta atitude expressa na sua obra *An Encyclopaedia of Gardening* no qual defende que o jardim público deveria proporcionar, mais do que a apreciação de um lugar esteticamente

apelativo, convidativo ao passeio. Em 1842 é decidido construir Victoria Park, na zona leste de Londres, densamente povoada e socialmente deprimida, e em 1843, sob o risco de Joseph Paxton.

Entre 1843, é aprovada a construção de Birkenhead Park, em Liverpool. O projeto do parque ficou a cargo de Joseph Paxton. A criação de jardins e grandes parques públicos torna-se prática corrente em muitas outras cidades europeias e americanas tendo mesmo contribuído decisivamente para uma nova conceção do espaço urbano teorizada e posta em prática por figuras referenciais de que talvez o caso mais paradigmático seja o arquiteto paisagista norte-americano F. L. Olmsted.

No Porto, exemplos como o Jardim de São Lázaro, iniciado em 1834, e o Jardim da Cordoaria, com estudos iniciados em 1856, ilustram esta tendência. Estes jardins, influenciados pelo romantismo europeu, foram concebidos para proporcionar experiências individuais e coletivas de bem-estar, distanciando-se do modelo utilitário dos antigos hortos ou quintas de recreio. O Jardim da Cordoaria é fruto direto desta influência. O seu traçado, marcado pelo desenho naturalista e adaptado ao relevo, aspira a criar uma atmosfera de refúgio e contemplação, onde o cidadão pode desligar-se do bulício urbano e encontrar, nas alamedas, lagos e esculturas, motivos para o deleite sensorial e espiritual. Aqui, prevalece o modelo romântico do “jardim-passeio”, espaço de evasão e socialização discreta, estruturado para proporcionar experiências individuais e coletivas de lazer tranquilo.

### 2.3.2 A Praça como lugar Cívico e Representacional

De acordo com Rossi, 2001, em oposição – e também em complementaridade - a outros espaços urbanos, a praça constitui uma tipologia de raízes seculares, emergindo desde as cidades medievais como espaço aberto dedicado à vida comunitária, ao mercado, às cerimónias públicas e à afirmação do poder, sendo delimitada por edifícios institucionais ou representativos.

A partir da época moderna, a Praça destaca-se como lugar de congregação, aparato institucional e monumentalidade. Frequentemente delimitada por edifícios representativos, como igrejas, universidades ou palácios, a praça assume-se como palco de encontros, manifestações públicas, mercados e cerimónias cívicas. Elementos simbólicos, como esculturas, chafarizes e monumentos, reforçam o seu papel central na vida coletiva e na afirmação da identidade urbana.

Praças como a dos Leões, da Rotunda da Boavista ou a da República exemplificam esta função agregadora e representacional, sendo espaços de circulação, exibição e convivência social.

Segundo Francisco Queiroz, 2002, a Praça dos Leões, resulta de exigências funcionais do traçado, evoluindo para um palco de circulação, encontro e monumentalização, influenciado pela proximidade da Universidade do Porto, da Igreja do Carmo e por edifícios históricos adjacentes. O chafariz monumental com as esculturas dos leões reforçam o seu papel como marco simbólico e de centralidade cívica, atribuindo-lhe uma dimensão de representação e orgulho cidadão.

Neste percurso, a Cordoaria e os Leões estabilizam dois modelos de espaço público: o jardim entendido como refúgio paisagístico e lugar de passeio romântico; a praça concebida para a congregação urbana, para o aparato institucional e para a articulação monumental do espaço. Cada uma destas tipologias contribui para a riqueza e diversidade da experiência urbana portuense, sendo ambas indispensáveis para a compreensão da história, das práticas sociais e da paisagem simbólica da cidade.

### 3. Análise dos Espaços Estudados

No presente capítulo, procede-se à análise dos dois casos de estudo: o Jardim da Cordoaria e a Praça dos Leões, valorizando o seu papel histórico, urbanístico e social na configuração do Porto contemporâneo.

#### 3.1. Jardim da Cordoaria

O Jardim da Cordoaria, oficialmente designado Jardim João Chagas desde 1924, é um dos mais emblemáticos espaços verdes históricos do Porto, situado junto à Torre dos Clérigos, ao Tribunal da Relação e à Reitoria da Universidade do Porto. Com cerca de 2 hectares, este jardim ocupa uma área central rodeada por edifícios monumentais e integra-se na malha urbana desde o século XIV - (de acordo com " O Tripeiro", Horácio Marçal citado no estudo histórico sobre a Praça da Cordoaria, que regista a composição de 25/06/1331 pela qual o Concelho adquiriu o Campo do Olival para rossio e uso público).

### 3.1.1. Origens e Evolução Histórica

Com o intuito de criar um percurso cronológico, recorreu-se às Cartas Históricas Interativas do Porto, serviço do Arquivo Municipal do Porto que disponibiliza online cartografia histórica georreferenciada da cidade, permitindo observar estados sucessivos do território e cruzar plantas, como a Carta Topográfica de 1892, com ortofotos e outras bases documentais. No século XIV, a área era conhecida como Campo do Olival; em 1611/1613 foi criada a primeira alameda pública, ficando designada Alameda do Olival, conforme a síntese histórico-documental do portal Jardins Históricos, com menção a fontes como O Tripeiro e a crónica de Agostinho Rebelo da Costa. Desde cedo, os terrenos foram usados para atividades agrícolas e artesanais, destacando-se a cordoaria: existia já em 1531 a Cordoaria do Bispo, e, após 1661, a instalação da Cordoaria Nova consolidou a toponímia que perdura, como registam os mesmos compêndios histórico-documentais.

De acordo com a Descrição topographica, e historica da cidade do Porto” (1789, 2.<sup>a</sup> ed.; 1.<sup>a</sup> ed. 1788), de Agostinho Rebelo da Costa, *“O bom regulamento dos terreiros, praças e campos que medeiam entre as ruas dá um novo lustre à formosura da cidade. Entre os principais merece particular atenção o Campo da Cordoaria e a Praça Nova das Hortas; aquele é rodeado de três filas de grossos e elevados álamos plantados no mês de Fevereiro de 1758, em forma de uma grande praça vazia, a qual deixaria livre para o passeio público um largo e formoso terreiro se nele não trabalhasse a grande e importante Fábrica das cordas e calabres...”*

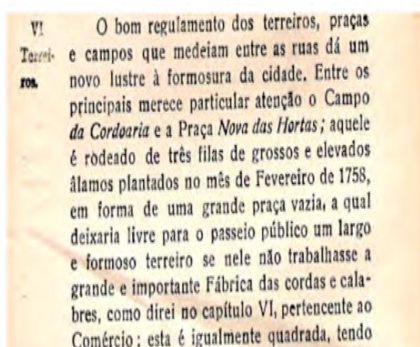


Figura 9 - Trecho transcrito de “Descrição topographica, e historica da cidade do Porto” (1789, 2.<sup>a</sup> ed.; 1.<sup>a</sup> ed. 1788), de Agostinho Rebelo da Costa, (SIPA/DGPC).

Foi no século XVII (1611) que a ordem régia de D. Filipe II determinou a abertura da primeira alameda pública de passeio no Campo do Olival, conhecida como Alameda do Olival. Entre 1611 e 1612 consolidou-se a arborização e a gestão do novo passeio

com a nomeação de guardas e a continuação das plantações, apesar de resistências locais, garantindo o uso público do espaço. Em 1661, procede-se à transferência dos cordoeiros de Miragaia e instalação da Cordoaria Nova, facto que consolida o topónimo e a vocação produtiva do lugar. O espaço afirma-se então como polo de feiras e mercado, incluindo a Feira de São Miguel, instituída no século XVII e aí realizada até 1876.



Figura 10 - O Campo da Cordoaria. - "Planta Redonda", 1813. (AHMP)

Segundo O Campo dos Mártires da Pátria (II). O Tripeiro, IV Série, Ano II, n.º9, Setembro, 1962, pp. 235-238, de Horácio Marçal, na madrugada de 14 de outubro de 1757, o Campo do Olival (Cordoaria) foi palco da execução por enforcamento de dezoito implicados no motim contra a criação da Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, no contexto das reformas pombalinas. Em 1835, o município atribuiu ao antigo Largo do Olival a designação Largo/Campo dos Mártires da Pátria — topónimo que se estendeu à totalidade do terreiro — preservando a memória das vítimas de 1757 e dos doze liberais decapitados na Praça Nova em 1829, na sequência da insurreição de 16 de maio de 1828.

De acordo com Jardins Históricos, Praças da Cordoaria e Nova das Hortas I, *"...estudos sobre as fortificações do Cerco Já no século XIX, durante o Cerco do Porto (1832–1833), o arvoredo urbano sofreu perdas significativas por razões militares e pela carência de combustível, com relatos específicos do arranque de olmos na antiga Alameda do Olival (Cordoaria), o que expõe a vulnerabilidade dos espaços verdes em contexto de conflito."*



Figura 11 - Plano para o novo passeio público que se projeta fazer na Praça da Cordoaria - Documento/Processo, (Antes de) 1854/08/03 – 1854/11/02, (AHMP)

De acordo com as figuras 12, 13, 14 e 15, quatro desenhos técnicos, projeto de plantas e perfis para um jardim público na Cordoaria, incluindo plantas e alçados para a entrada principal, o chafariz e bancos de jardim cobertos, foram elaborados por Edward Buckton Lamb em 1856. Este projeto antecede a intervenção de Emílio David e representa uma das primeiras tentativas documentadas de transformação paisagística do Campo da Cordoaria no século XIX.



Figura 12– Projeto, não executado, de Edward Lamb, Planta, 1856 - (AHMP).

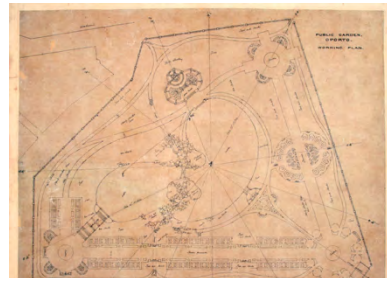


Figura 13 - Projeto, não executado, de Edward Lamb, Planta 1856 - (AHMP).

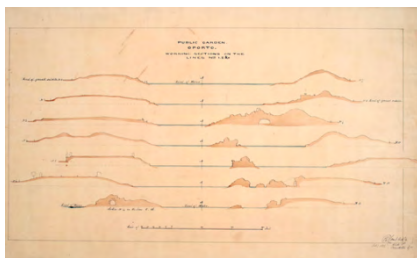


Figura 14-Projeto, não executado, de Edward Lamb, 1856 - Perfis para um jardim público na Cordoaria(AHMP).

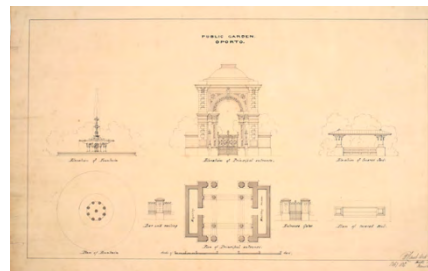


Figura 15 - Projeto, não executado, de Edward Lamb, 1856 - o chafariz, e bancos de jardim cobertos (AHMP).

Posteriormente em 1866, por iniciativa do Visconde de Vilar d’Allen, é contratado o paisagista alemão Emílio David para projetar o novo jardim público, concebendo um traçado marcadamente romântico, com percursos sinuosos, lago central, alamedas e uma exuberante seleção de espécies exóticas. As plantações do jardim foram iniciadas em 1860 e continuadas em 1870, tendo sido comentadas no *Jornal de Horticultura Prática* desse mesmo ano:

*“O Jardim do Campo dos Martyres da Patria foi enriquecido ultimamente com alguns arbustos, arvores, etc. que lhe augmentaram a bom aspecto que já tinha e o tornaram, portanto mais aprazível.*

*Fizeram-se alguns grupos de camellias, que quando desenvolvidas devem produzir bom effeito, Uns dez ou doze exemplares da Wigandia caracasana [...] formam um massiço, que mais tarde ha-de ser de esplendido effeito.*

*Tambem foram adicionados a este jardim alguns grupos de Ilex, Gyneriums e Colocasias. [...]*

*As Dracaenas, as Aralias e as Coryphas, são raras nos nossos jardins publicos e tornam-se, portanto dignas de menção.”*



Figura 16 – Aguarela de Émílio David, 1866, apresentada à Câmara por Alfredo Allen. O Tripeiro, 1910. (Foto:ACV) Figura 17- Aguarela de Émílio David, 1866, apresentada à Câmara por Alfredo Allen. O Tripeiro, 1910. (Foto:ACV)

Estas duas imagens (figuras 16 e 17) representam a proposta de traçado para o Jardim da Cordoaria, atribuída ao arquiteto paisagista alemão Émile David e datada da década de 1860. Mais precisamente, o desenho corresponde ao projeto aprovado pela Câmara Municipal do Porto em 1866, quando David foi convidado pelo Visconde de Vilar d’Allen para transformar o antigo Campo da Cordoaria num jardim público de estética romântica.

Segundo Firmino Pereira, 1867, “...aberto o jardim que se destinava ao povo, logo dele se apossaram as elegantes do burgo, que o preferiram aos do Palácio, mais distantes e onde só se entrava, pagando. Aos domingos e dias festivos, e às quintas-feiras à noite, o alegre recinto era tomado de assalto pela burguesia tripeira, que se apossava da avenida fronteira ao coreto. Os arruamentos abertos em volta do lago ficavam à disposição das costureiras, das creadas de servir, dos oficiais de ofício, dos soldados do municipal. Eram territórios separados. E o que é deveras curioso é que, à entrada, cada um tomava o seu lugar, como no teatro...”

Desde os primeiros anos de vida enquanto jardim romântico, a Cordoaria revelou fragilidades de conservação e de gestão, tensionadas pela intensidade de usos urbanos e pela crescente pressão sobre o desenho, como se assinala na literatura de síntese dedicada aos jardins históricos do Porto. Em particular, os compêndios que reúnem a investigação de Teresa Andresen e Teresa Marques sublinham dificuldades recorrentes na manutenção do traçado e do arvoredo, bem como os efeitos de

intervenções que afetaram a coerência do projeto original de Émile David. A imprensa especializada da época, designadamente o *Jornal de Horticultura Prática*, registou críticas públicas a modificações introduzidas no jardim, entendendo-as como descaracterizadoras face ao programa paisagístico inicial, o que reforça a perceção de um património vulnerável a ciclos de intervenção pouco criteriosos.

Segundo Oliveira Junior, “Jardins Públicos do Porto”. *Jornal da Horticultura Prática*, Vol. II, 1871, p.160, *“Não ignoram os nossos leitores que o delineador do jardim dos Martyres da Patria foi snr. Emilio David, distincto paisagista, e que deixou o seu nome gravado nos jardins do Palacio de Crystal. O snr. Emilio David apresentou-nos um d’esses jardins de que a Inglaterra e a Alemanha nos offerecem o modelo, e cujas bellas irregularidades não são mais que uma perfeita imitação da natureza. A sua obra, porem, perdeu completamente o cunho que lhe soubera imprimir. Quem entra hoje no antigo largo da Cordoaria pensa que tudo aquilo é apenas um brinquedo de cre-anças [...] Ninguém ignora que a principal, senão a primeira belleza de uma cidade, consiste no mimo de seus jardins. São um elemento de recreio, e, o que é mais, um indispensavel elemento de hygiene. Pensavamos que o jardim da Cordoaria viria satisfazer em parte uma exigencia tão justa, mas vemos que perfeitamente nos enganamos.”*

Contudo, no final de Oitocentos, Eduardo Sequeira — redator do *Jornal de Horticultura Prática* — registou o “desenvolvimento do gosto pelas palmeiras” e antecipou que as novas plantações dariam “um aspeto delicioso aos jardins da cidade”, testemunho coevo de conservação esmerada e de ambição estética então reconhecidas no espaço público portuense.

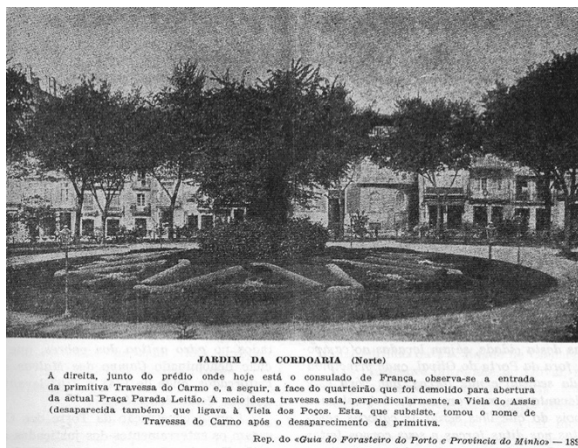


Figura 18 – Jardim da Cordoaria. Açafate, 1889. O Tripeiro, 1967.



Figura 19 - *A Flora* - monumento a Marques Loureiro do escultor Teixeira Lopes- 1904

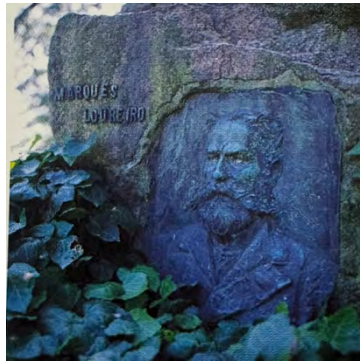


Figura 20- Jardim da Cordoaria. Alto-relevo de Marques Loureiro no pedestal de *A Flora*, 1789 (Costa, A. R).

Inaugurado em 1904, o monumento ao grande horticultor Marques Loureiro, "Flora", é obra do escultor António Teixeira Lopes, uma das figuras centrais da escultura académica portuguesa.

O Café Chaves abriu as portas ao público nos Jardins da Cordoaria.



Figura 21- Jardim da Cordoaria com a Torre dos Clérigos ao fundo, vista da alameda poente, c. início séc. XX, (AHMP)



Figura 22 - Campo dos Mártires da Pátria (Cordoaria) com a Torre dos Clérigos ao fundo, circulação com carruagem, c. 1900–1910, (AHMP)

Nas imagens conseguimos observar o aspeto do Jardim da Cordoaria (atual Jardim de João Chagas), vendo-se o Café Chaves e a Torre dos Clérigos.



Figura 23 - Monólito a António Nobre (1927), (AHMP)



Figura 24-Interior do Café Chaves quando esteve instalado na rua de D. Pedro. Aurélio Paz dos Reis, c.1910

Nas décadas de 1940–1970, conforme documentação municipal e sínteses históricas sobre os jardins do Porto, registaram-se intervenções viárias que subtraíram área ao Jardim da Cordoaria, em particular no extremo norte, com impacto na integridade do traçado original de Émile David. Em 15 de fevereiro de 1941, um ciclone de grande intensidade atravessou o país e derrubou numerosas árvores no Porto, ocasionando perdas significativas de arvoredo e danos no jardim.



Figura 25 - Jardim da Cordoaria, depois do ciclone de 1941. *O Tripeiro*, 1962.



Figura 26- Jardim da Cordoaria com gradeamento e portões, finais do séc. XIX (?). *O Tripeiro*, 1961.



Figura 27 - Recinto infantil 1940-1950, (AHMP)

Em 1949, O Café é demolido e introduzem este recinto infantil, composto por uma estrutura ajardinada com bancos e pégula, frequentada por crianças, no Jardim da Cordoaria (Porto). Esta fotografia ilustra um dos espaços de recreio e convívio instalados no jardim durante a segunda metade do século XX, valorizando a dimensão social e de lazer do espaço público portuense.

No coração do Jardim da Cordoaria, oficialmente Jardim João Chagas, subsistiu durante séculos uma árvore singular, conhecida popularmente como "Árvore da Força".

Este ulmeiro tricentenário sobreviveu ao ciclone de 1941 e a muitos outros episódios marcantes da história portuense, sendo considerado a única árvore que resistiu às vicissitudes dos séculos e aos estragos causados pelo cerco do Porto (1832–1833).



Figura 28 - Jardim da Cordoaria (Jardim João Chagas). Estátua de Ramalho Ortigão, de Leopoldo de Almeida, mármore, inaugurada em 21 de agosto de 1954; (Fonte: SIPA)

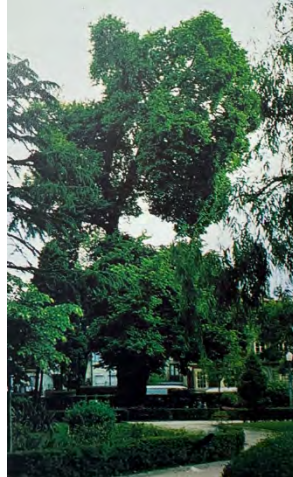


Figura 29 - Jardim da Cordoaria - Ulmeiro conhecido como A Árvore da Forca, 1986. (Foto: Teresa Andersen)



Figura 30 - Jardim da Cordoaria-Árvore da Forca- (Ulmus sp.) em primeiro plano, com a Torre dos Clérigos ao fundo; fotografia histórica, s.d. [c. 1930–1950]. Foto: (AHMP)

Em 2001 houve a remodelação profunda pelo Arqto. Camilo Cortesão e PROAP no âmbito da Porto Capital Europeia da Cultura, com controvérsia dentro da comunidade local sobre o impacto das modificações e ações de limpeza. Já em 2005, há um reconhecimento público da alameda de plátanos como de Interesse Público, sublinhando o papel patrimonial do arvoredo remanescente.



Figura 31 - Alameda de plátanos do Jardim da Cordoaria. In: Teresa Andresen; Teresa Portela Marques, Jardins Históricos do Porto, 2001.

Na atualidade, o jardim mantém-se como espaço de referência, reunindo arvoredo centenário, um conjunto escultórico relevante e funções ecológicas e sociais centrais na paisagem urbana do Porto, evidenciando camadas históricas e patrimoniais sobrepostas. Esta condição é reconhecida na literatura técnico-científica sobre a estrutura verde e biodiversidade urbanas do Porto, onde o Jardim João Chagas integra os levantamentos municipais e académicos coordenados por Paulo Farinha-Marques e equipas associadas. Estudos sobre a transformação da estrutura verde do Porto e avaliações críticas de política verde urbana reforçam o papel do jardim como nó patrimonial e ecológico na rede de espaços verdes.

Apesar das transformações, o jardim mantém elementos como esculturas e árvores de grande relevância patrimonial, como o monumento a Marques Loureiro “A Flora” (1904, Teixeira Lopes), o busto de António Nobre (1927, Tomás Costa) e o monumento a Ramalho Ortigão (1954, Leopoldo de Almeida), que reforçam seu valor cultural e simbólico. A obra “Os Treze a Rir” contemporânea, criada pelo artista espanhol Juan Muñoz, representa treze figuras humanas, dispostas num círculo, todas elas a rir umas das outras. Colocada no espaço do jardim, esta instalação coloca o visitante em contacto com a descontração, a ironia e a multidimensionalidade das relações humanas. Esta escultura tornou-se um dos pontos mais fotografados e comentados do Jardim da Cordoaria, simbolizando a vivacidade do espaço enquanto palco de encontros e intercâmbios culturais. Ao mesmo tempo, questiona o papel do observador e o sentido da coletividade, temas contemporâneos muito presentes na produção artística atual.



Figura 32 - Jardim da Cordoaria. Uma araucária centenária. In: Teresa Andresen; Teresa Portela Marques, Jardins Históricos do Porto, 2001.



Figura 33 - Os Treze a Rir Uns dos Outros - 2000, (AHMP)

Ainda hoje, exemplares notáveis como as sequóias e a araucária permanecem, oferecendo uma leitura viva da história natural e cultural do local.

Esta atmosfera de informalidade e abertura permite que o jardim cumpra uma função essencial: aproximar a arte das pessoas, democratizá-la e fazê-la penetrar no imaginário coletivo da cidade e, é neste contexto, que o espaço se torna simultaneamente lugar de lazer, de contemplação, mas também de experimentação cultural e de intercâmbio de experiências e emoções.

As esculturas, testemunhas silenciosas de épocas e estéticas diversas, interagem com a paisagem urbana e os visitantes, reforçando uma identidade portuense em constante renovação, entre a preservação das memórias e a abertura a novas expressões e sentidos culturais.

Deste modo, o Jardim da Cordoaria reafirma-se não só como um espaço verde emblemático, mas sobretudo como um lugar de encontro cultural, social e afetivo, fundamental para o pulsar da vida urbana e para a construção contínua da história e da identidade da cidade do Porto.

## 3.2. Praça dos Leões

### 3.2.1. Origens e Evolução Histórica

A Praça dos Leões, oficialmente conhecida como Praça de Gomes Teixeira, é um espaço urbano repleto de história e significado para o Porto. As suas origens remontam ao século XVII, quando era designada Largo do Carmo, nome associado ao vizinho Convento dos Padres Carmelitas, fundado em 1619. Este primeiro nome manteve-se até 1835, ano em que a praça passou a designar-se Praça dos Voluntários da Rainha, numa homenagem a uma tropa liberal que teve papel importante na defesa do regime constitucional.

Ao longo do século XIX, o espaço foi ganhando novas designações e funções, refletindo a dinâmica social e política da cidade. Foi conhecido como Praça do Pão, em referência às feiras de cereais e pão que ali se realizavam, e, mais tarde, Praça da Universidade, depois da instalação do principal edifício da Universidade do Porto naquele local. Só em 1936 foi rebatizada como Praça de Gomes Teixeira, em homenagem ao matemático e primeiro reitor da universidade, figura central para a

história académica da cidade. Apesar desta denominação oficial, o nome mais comum permanece Praça dos Leões, devido à emblemática fonte que aí se ergue.

Esta fonte monumental, com os seus quatro leões, na realidade as figuras representam grifos, ou outro qualquer ser mitológico e não leões (que não são seres alados).



Figura 34- Desenho original da Fonte Monumental dos Leões, projetada para a Praça de D. Pedro no Porto, 1885 (AHMP)



Figura 35 - Fonte dos Leões em frente ao edifício da Reitoria da Universidade do Porto, Praça dos Leões, Porto. - 1887 (AHMP)



Figura 36 - Fonte dos Leões e envolvente, Praça dos Leões, Porto. A imagem integra o acervo do Arquivo Fotográfico dos SMAS, 1887.

A Fonte dos Leões é composta por um tanque octogonal de granito, de bordos arredondados e paredes exteriores de perfil ondulado e, ainda, por uma fonte central de bronze pintado com quatro leões alados e sentados na extremidade. Está encimada por duas taças redondas sobrepostas e escalonadas; a inferior tem um friso vegetalista e cornetas de onde jorra água e no remate apresenta uma espécie de pinha.

Inicialmente alimentada pelo reservatório de Santo Isidro, a Fonte dos Leões passou a ter, a partir de 1942, a sua própria arca de abastecimento, em granito, situada a escassas dezenas de metros de distância. Gravuras antigas mostram que, originalmente, a Fonte era protegida por uma vedação de ferro.

A geometria regular da praça, simples e formal, que acolhem desde antigos conventos, igrejas, até edifícios universitários de grande valor arquitetónico, como a Reitoria da Universidade do Porto, situada ali mesmo.



Figura 37 - A Praça dos Voluntários da Rainha com calçada e mosaico e sem tílias no contorno, 1900-1915 (AHMP)



Figura 38 - O Jardim da Praça dos Voluntários da Rainha - Postal ilustrado, 1900-1915 (AHMP)

O postal apresenta a praça plantada marginalmente com árvores de grande porte, em caldeira, que aparentam ser tílias, segundo a tese “Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal” de Teresa Marques. É possível observar na Figura 39 que as dimensões na praça são mais reduzidas, sem árvores a marginá-la e já com a calçada em vidro e não saibro que a pavimentava anteriormente.

Em 1911, a Praça dos Leões consolidou-se como espaço cívico de referência, acolhendo as celebrações da proclamação da República e tornando-se palco de manifestações públicas e encontros académicos. Esta centralidade cívica reforçou o papel simbólico da praça na vida política e social do Porto, refletindo o seu dinamismo e capacidade de congregar diferentes gerações.

O século XX foi palco de várias intervenções que acompanharam a evolução da cidade e da universidade: a praça assistiu às celebrações da proclamação da República, passou por remodelações dos passeios e do mobiliário urbano entre as décadas de 1930 e 1950, e sofreu uma profunda requalificação pedonal na primeira década deste século, que a tornou mais acessível e atraente para o crescente fluxo turístico.



Figura 39 - Porto Alegre. Aspeto Praça - Novembro 1930, (Wikimedia Commons)



Figura 40 - Fonte dos Leões e Igreja do Carmo na Praça de Gomes Teixeira, Porto. A imagem evidencia o jardim florido, o enquadramento urbano e o icónico revestimento de azulejos na fachada lateral da igreja. 1970, (AHMP)



Figura 41 - Requalificação pedonal e aumento do fluxo turístico, 2000-2010 (Águas e Energia do Porto).



Figura 42 - Cortejos Académicos, 2024 (Jornal Público)

Atualmente, a Praça dos Leões mantém-se como um dos principais pontos de encontro do Porto, marcada pela presença constante de estudantes, turistas e residentes. A visibilidade da Reitoria da Universidade do Porto, da Igreja do Carmo e da Fonte dos Leões reforça a sua centralidade urbana, enquanto os cortejos académicos e as manifestações culturais perpetuam a vitalidade e o simbolismo deste espaço na memória coletiva da cidade.

### 3.2.2. Relação com a Universidade e o Turismo

A Praça dos Leões permanece como um símbolo vivo da identidade académica portuense, estando intimamente ligada à história e à vida quotidiana da Universidade do Porto. Desde o momento da sua fundação, o espaço tornou-se um ponto de referência para estudantes e docentes, especialmente pela proximidade imediata do edifício da Reitoria, antigo epicentro da universidade. A presença estudantil moldou não só o carácter e a atmosfera da praça, como também impulsionou o desenvolvimento dos cafés, livrarias e outros estabelecimentos que alimentam o pulsar cultural e social da zona.



Figura 43 - Edifício da Reitoria da Universidade do Porto visto a partir da Praça de Gomes Teixeira (antiga Praça da Universidade), Porto, cerca de 1930. (AHMP)



Figura 44 - Vista histórica da Praça de Gomes Teixeira (antiga Praça da Universidade), Porto, aproximadamente década de 1950. (AHMP)

No entanto, esta dupla função — como núcleo da vida académica e como ponto turístico de grande afluência — cria desafios evidentes para a gestão e preservação do espaço urbano. Enquanto a atividade turística contribui para a animação e a economia, pode também gerar efeitos de desgaste e tensão, quer nos elementos físicos da praça, quer nas dinâmicas sociais tradicionais, afetando a experiência quotidiana dos estudantes e dos residentes.

Mais do que um espaço físico, a Praça dos Leões representa uma interseção entre passado e presente, um lugar onde a identidade universitária e a vida da cidade se encontram e se reinventam constantemente. A sua preservação e valorização exigem

sensibilidade, diálogo entre atores diversos e uma visão de futuro que respeite tanto as tradições locais como as exigências da contemporaneidade urbana.

### 3.3 Envolvente Urbana e Integração

A evolução urbana do Porto evidencia que os espaços públicos reescrevem, em cada época, a morfologia e a vida coletiva da cidade, como demonstram o Jardim da Cordoaria e a Praça de Gomes Teixeira, casos paradigmáticos bem documentados por fontes institucionais e patrimoniais.

No Jardim da Cordoaria, o traçado romântico oitocentista concebido por Émile David foi sendo reconfigurado por intervenções do século XX–XXI, alterando escalas, pavimentos e relações visuais com edifícios de referência, sem impedir o uso quotidiano e a permanência social no jardim. Medidas recentes de drenagem, reposição de saibro, recuperação do lago e reforço de vegetação alinham-se com abordagens de soluções baseadas na natureza e princípios internacionais para espaços públicos inclusivos e saudáveis.

Na Praça de Gomes Teixeira, a presença simbólica consolidou uma centralidade cívica e académica ancorada na Reitoria e na Fonte dos Leões, com ritualização estudantil e forte visibilidade patrimonial. A partir dos anos 2000, a valorização da Baixa e a intensificação do turismo reforçaram a praça como "sala de visitas" e palco de vivências cosmopolitas.

Contudo, a limitada massa arbórea e a ausência de sistemas ambientais robustos colocam questões de conforto térmico e capacidade de carga, exigindo desenho centrado nas pessoas — caminhar, permanecer, encontrar, legibilidade e sombreamento — e gestão ativa para mitigar pressões turísticas.

Do ponto de vista da qualidade do espaço público, a literatura centrada nas pessoas mostra que melhorar conforto ambiental, acessibilidade e oportunidades de permanência amplia atividades opcionais e sociais, reforçando vitalidade e pertencimento. Recomenda-se conciliar identidade simbólica com critérios de qualidade — vegetação autóctone, acessibilidade universal e sinalética interpretativa — assegurando sustentabilidade e resiliência dos dois espaços na rede urbana central.

### 3.3.1. Edificado e Articulação com a Cidade

A articulação entre o Jardim da Cordoaria, a Praça de Gomes Teixeira e o edifício da Reitoria configura um contínuo urbano onde património, programação cultural e vida académica se cruzam, projetando centralidade cívica no coração do Porto. Na Cordoaria, a imersão paisagística e o diálogo com a escultura pública convivem com usos quotidianos de fruição, enquanto nos Leões a fonte e as frentes institucionais estruturam a representação cívica e académica com forte visibilidade ao longo do ano. A ativação cultural combina programação regular da Casa Comum (Reitoria) com iniciativas de mercado e eventos sazonais na praça, reforçando mistura de públicos e o vínculo entre memória e criação contemporânea. Em síntese, jardim e praça desempenham funções complementares — estadia confortável e expressão cívica que sustentam a identidade e a vitalidade do conjunto, evitando sobreposições e garantindo legibilidade espacial.



Figura 45- Planta cartográfica da cidade do Porto, início do século XX. A imagem mostra o traçado urbano detalhado, incluindo as principais vias, zonas habitacionais, áreas verdes e o percurso do rio Douro, com destaque para o eixo central entre o Jardim da Cordoaria, Praça dos Leões e proximidade da frente ribeirinha. (AHMP)

## 4. Transformações Urbanas e Espaços Verdes

### 4.1. Processos de Modernização e Alterações na Paisagem

Segundo Madureira (2001), a estrutura verde urbana deve ser entendida como parte integrante da composição da cidade, desempenhando funções ambientais, sociais e simbólicas fundamentais. No entanto, as intervenções realizadas nestes espaços nem sempre respeitaram o seu valor paisagístico e histórico.

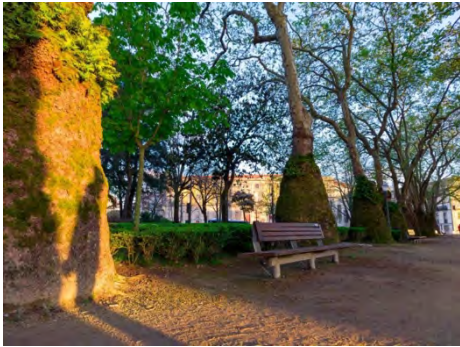


Figura 46 - Jardim da Cordoaria, Abril 28, 2024 – (Porto Secreto)



Figura 47 - Jardim da Cordoaria, (18??-18??) (AHMP)

As intervenções urbanísticas realizadas na Cordoaria ao longo do tempo marcaram profundamente a identidade e o quotidiano do jardim. A abertura do Passeio Público, que implicou a demolição das casas do lado poente, alterou a relação de proximidade e o sentido de intimidade originalmente presentes, mas ao mesmo tempo expandiu as ligações do jardim à malha urbana, integrando-o num novo circuito de circulação. Estes processos ilustram e representam os desafios típicos das cidades em modernização: equilibrar a abertura e acessibilidade dos espaços verdes com a preservação das suas qualidades identitárias e sensoriais, notamos, também que há elementos introduzidos em épocas posteriores, como as sebes compartimentadoras, que, por sua vez, influenciam também o impacto nas intervenções urbanas.

No Jardim da Cordoaria, a introdução de estruturas utilitárias, como estacionamento e novas vias de circulação, levou à descaracterização do ambiente originalmente concebido por Emílio David, comprometendo a experiência sensorial e o papel de refúgio paisagístico do jardim. Esta tendência de "funcionalização" dos espaços verdes é reconhecida por Madureira (2001) e referida no manual 'Urban Green Spaces', como um dos principais fatores que aumentam a pressão sobre os ecossistemas urbanos e afetam a identidade da cidade.

Já na Praça dos Leões, as alterações associadas ao aumento do tráfego automóvel e à reorganização do espaço público resultaram na perda da vivência quotidiana, transformando a praça num lugar mais associado à monumentalidade e à circulação do que à sociabilidade local. De acordo com França (1997), Lobo (2023) e Vidal et al. (2021), a regeneração dos espaços urbanos deve procurar equilibrar as necessidades funcionais com a preservação dos valores históricos e paisagísticos, promovendo soluções que favoreçam a multiplicidade de usos e uma melhor qualidade ambiental.

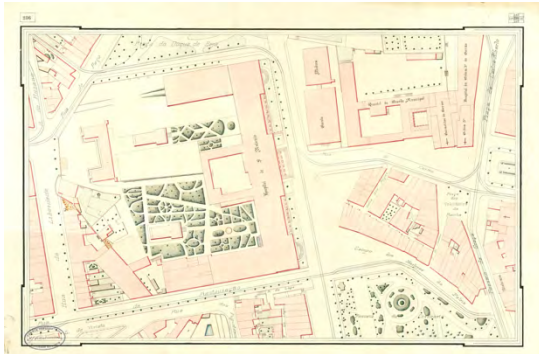


Figura 48 - Planta topográfica do Porto - Quadrícula n.º 236 - Teles Ferreira, 1892 (AHMP)

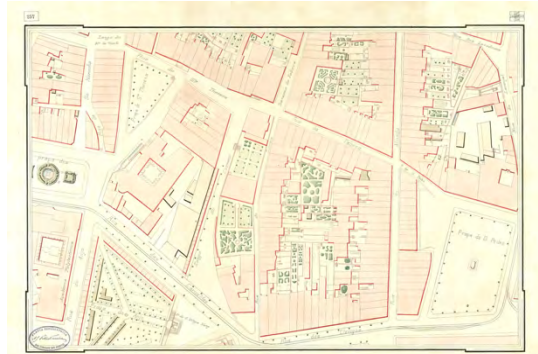


Figura 49 - Planta topográfica do Porto - Quadrícula n.º 257 - Teles Ferreira, 1892 (AHMP)

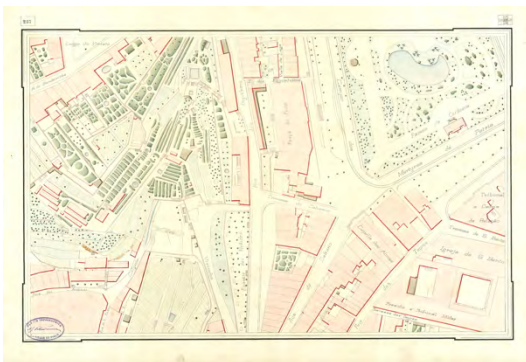


Figura 50- Planta topográfica do Porto - Quadrícula n.º 237 - Teles Ferreira, 1892 (AHMP)

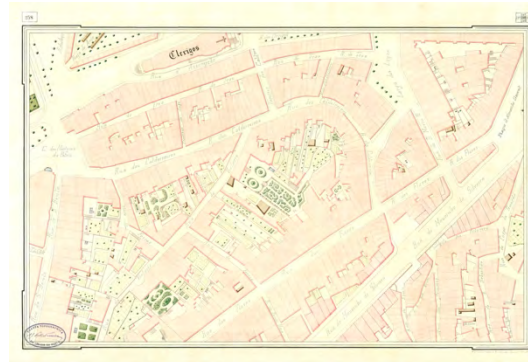


Figura 51 - Planta topográfica do Porto - Quadrícula n.º 256 - Teles Ferreira, 1892 (AHMP)

A literatura mais recente sublinha ainda que os espaços verdes urbanos são componentes essenciais da infraestrutura verde, promovendo bem-estar, saúde resiliência local, contribuindo de forma decisiva para a biodiversidade e a mitigação dos riscos ambientais.

Com base nas cartografias dos números 236, 237, 257 e 258 de Augusto Gerardo Teles Ferreira, a evolução urbanística dos Jardins da Cordoaria e da Praça dos Leões pode ser interpretada como um testemunho gráfico fundamental para compreender a transformação do tecido urbano do Porto no final do século XIX e início do século XX. Este levantamento cartográfico composto por 464 folhas, realizadas à escala 1/500, são consideradas um dos primeiros levantamentos cartográficos científicos rigorosos da cidade, encomendadas pela Câmara Municipal do Porto e usadas como instrumento para planeamento urbanístico.

Na planta 236, observa-se uma representação meticulosa dos Jardins da Cordoaria, revelando um desenho clássico que privilegia a simetria e a organização formal dos espaços verdes. A disposição dos caminhos é cuidadosamente delineada, criando assim percursos que orientavam os visitantes por setores diferenciados, enfatizando os canteiros geométricos e as áreas ajardinadas, o detalhamento cartográfico dos elementos arbóreos permite avaliar a diversidade e a distribuição da vegetação, essencial para compreender a escala do espaço.

Destaca-se a forma triangular do Jardim da Cordoaria, com o lago central rodeado por elementos escultóricos como a "Flora" de António Teixeira Lopes, o busto de António Nobre e a estátua de Ramalho Ortigão. A alameda de plátanos a poente, em frente ao Tribunal da Relação e Cadeia do Porto (edifício monumental de interesse público), marca a transição entre o espaço verde e o tecido urbano.

Já a sul, o passeio das tílias aproxima-se do Hospital Geral de Santo António e do edifício da Universidade do Porto, ambos monumentos nacionais. A norte, o alinhamento de carvalhos americanos reforça a ligação ao Campo dos Mártires da Pátria, espaço de memória histórica da cidade. O coreto em ferro fundido, junto à rua, evidencia a função social e cultural do jardim, articulando-se com a proximidade da Torre dos Clérigos, outro ícone da envolvente.

O mapa 237, evidencia a Praça dos Leões, que surge como ponto de articulação entre o Jardim da Cordoaria e a zona da Reitoria da Universidade do Porto, segundo a análise histórica e patrimonial dos Jardins Históricos do Porto.

O traçado das vias evidencia a ligação direta à Rua dos Clérigos e à Livraria Lello, ambos marcos culturais e turísticos. A proximidade ao Hospital Geral de Santo António e ao Tribunal da Relação reforça o papel da praça como espaço de encontro entre património arquitetónico e lazer urbano.

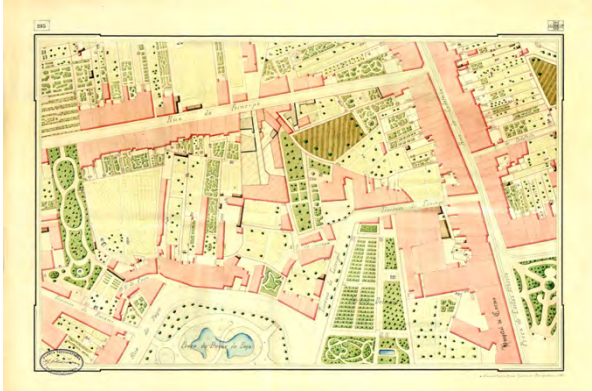


Figura 52 - Planta cartográfica do centro do Porto, n.º 235 Em destaque, o Jardim da Cordoaria à esquerda, com os seus traçados geométricos, e a área envolvente à Praça dos Leões, 1892 (AHMP).

O Jardim da Cordoaria e a Praça dos Leões são lugares carregados de história e memória, mas também de afetos e encontros diários. Ao longo do tempo, sofreram mudanças que alteraram não só a sua aparência, mas também a forma como as pessoas os vivem e sentem. No mapa 235 conseguimos complementar a análise da envolvente destes espaços em estudo.

O Jardim Botânico do Porto tem origens singulares, relacionadas inicialmente com a cerca do Convento das Carmelitas – um espaço localizado onde atualmente se encontra a Guarda Nacional Republicana. Segundo os registos históricos, foi naquele local, identificado na planta 257, que se estabeleceu o primeiro jardim botânico da cidade. Contudo, a experiência do Jardim Botânico viria a perder destaque com a transformação do Jardim da Cordoaria em passeio público. Só mais tarde, graças ao empenho do professor Américo Pires de Lima, a ideia de um jardim botânico voltaria a ganhar novo impulso. Em 1952, houve finalmente condições para o Estado adquirir a Quinta dos herdeiros da família Andresen, proporcionando um espaço permanente e adequado para a instalação do atual Jardim Botânico do Porto. A partir daí, para além da já riquíssima coleção de camélias da quinta, o Jardim Botânico começou a receber novas e significativas coleções, consolidando-se como um importante centro de conservação, estudo e divulgação da flora, tanto para investigadores como para o público em geral.



Figura 53 - Jardim Botânico do Porto. 2025, (MHNC-UP)

No Jardim da Cordoaria, as reformas que foram feitas, mesmo com a intenção de modernizar e melhorar, acabaram por tirar um pouco daquela leveza e charme que o tornavam um refúgio acolhedor no meio da cidade. Aqueles caminhos sinuosos, os espaços abertos para respirar entre as árvores, deram lugar a estruturas mais rígidas e compartimentações que, inevitavelmente, criaram distâncias — tanto físicas como emocionais. Para muitos, principalmente para os nossos seniores que o usam como local de descanso, conversa e silêncio, este espaço perdeu um pouco daquele calor que fazia o jardim mais do que um mero parque: um verdadeiro lugar de encontro e bem-estar.

Na Praça dos Leões, a transformação traz um misto de fascínio e perda. O turismo intenso colocou esta praça no mapa mundial, com visitantes vindos de todos os cantos para admirar a fonte, a universidade e a famosa livraria. No entanto, essa popularidade trouxe também efeitos que mexem com o coração da praça — o silêncio das conversas pausadas dos estudantes, os momentos simples de pausa entre aulas e a vida diária da comunidade local foram, em parte, substituídos por um constante vai-e-vem, cheio de clicks de câmaras e passos apressados. A praça tornou-se por vezes um cenário onde o efêmero prevalece sobre o vivido, e esse equilíbrio entre ser um ponto turístico e um espaço de pertencimento está hoje em risco.

Para quem conhece a praça como um espaço de rituais académicos, de encontros entre amigos, de vida quotidiana, é difícil não sentir que algo se perdeu nesse processo, e que é urgente pensar em formas de reequilibrar essa relação. Afinal, um espaço tão emblemático só continua vivo se conseguir, ao mesmo tempo, acolher quem chega de fora e abraçar quem o vive todos os dias.

Essas transformações são, no fundo, um convite à reflexão sobre o que queremos para estes lugares: preservar a essência que os torna únicos, cuidar para que continuem a

ser espaços de encontro, e garantir que as mudanças que vêm com o tempo não apaguem as memórias e as vivências que lhes deram alma.

## 4.2. Planeamento Urbano e Políticas Públicas

De acordo com o Plano Diretor Municipal do Porto - Suporte Biofísico e Ambiente , ao longo do tempo, o planeamento urbano do Porto revelou-se, por vezes, insensível às dimensões imateriais que dão vida e significado aos seus espaços verdes históricos, originando intervenções fragmentadas que fragilizaram a continuidade das narrativas culturais e ambientais.

Espaços como o Jardim da Cordoaria e a Praça de Gomes Teixeira são mais do que áreas de passagem: são lugares de memória, encontro e identidade, cuja desconsideração na decisão urbanística tende a despersonalizar a cidade e a enfraquecer o vínculo afetivo dos habitantes ao seu ambiente.

Impõe-se, por isso, que o planeamento incorpore princípios que valorizem estes aspetos imateriais, a par da funcionalidade e da eficiência económica, promovendo conforto ambiental, acessibilidade e oportunidades de permanência como requisitos de qualidade do espaço público, em linha com as orientações de avaliação e estratégias de espaço público à escala municipal e de vizinhança.

As políticas públicas devem articular a estrutura ecológica municipal e o plano de arborização com metodologias de auditoria do espaço público — caminhar, permanecer, encontrar, legibilidade e sombreamento — e com regimes de gestão diferenciada por tipologia e carga de uso, assegurando sustentabilidade e resiliência sem diluir valores patrimoniais e de pertença.

Aplicadas a contextos sensíveis como a Cordoaria e os Leões, estas diretrizes permitem calibrar requalificações perante pressões de mobilidade e turismo, preservando a legibilidade cívica, a integridade paisagística e a vitalidade quotidiana que fundamentam o papel destes lugares na malha central do Porto.

## 4.3. Impacto das Dinâmicas Sociais, Económicas e Ambientais

A leitura das transformações na Cordoaria e na Praça dos Leões tem de ser feita à luz de mudanças estruturais na sociedade, na economia urbana e no clima:

envelhecimento populacional, pressão turística e aumento do risco térmico nos centros históricos. Para populações mais velhas, a qualidade do espaço público depende de acessibilidade efetiva, continuidade de percursos, assentos com encosto e sombreamento suficiente, condições que reforçam autonomia e participação social em cidades desenhadas à escala humana. Estas exigências são consistentes com abordagens de “public life data” que pedem medir o que as pessoas fazem no espaço — caminhar, permanecer, encontrar — para orientar decisões de desenho e gestão. Em paralelo, o crescimento do turismo traz dinamismo económico, mas também desloca ritmos de uso e pode reduzir oportunidades de fruição quotidiana para residentes se não houver gestão ativa de fluxos e de calendários de eventos. Estratégias de “visitor management” e programação localizada ajudam a proteger o equilíbrio entre representatividade cívica e uso de proximidade, especialmente em pontos icónicos como os Leões.

Num clima em aquecimento, as ondas de calor e o efeito de ilha de calor urbana tornam prioritárias soluções de arrefecimento passivo baseadas na natureza — dosséis arbóreos contínuos, pavimentos permeáveis, água e desenho que maximize sombra nos percursos de maior permanência — acompanhadas de avaliação por indicadores e cartografia de necessidades de sombra. Guias operacionais destacam que ampliar sombra e permeabilidade, gerir a vegetação por risco e sucessão e integrar drenagem sustentável melhora conforto térmico, saúde pública e resiliência local sem perder legibilidade patrimonial.

Aplicadas à Cordoaria e aos Leões, estas evidências traduzem-se em três linhas de ação articuladas: garantir acessibilidade universal com assentos adequados e sombreamento contínuo em desenho à escala do peão; gerir a pressão turística através de janelas horárias, sinalética discreta e mobiliário robusto que preserve oportunidades de permanência para residentes; e investir em infraestrutura verde de arrefecimento passivo — árvore certa no lugar certo, solos vivos, água e materiais de baixa absorção térmica — monitorizando o desempenho com dados de uso e cartografias de sombra para orientar decisões.

## 5. Estudo Comparativo e Perspetivas Futuras

### 5.1 Sustentabilidade e Preservação dos Jardins Urbanos

A sustentabilidade deve orientar qualquer intervenção futura na Cordoaria e nos Leões, entendendo estes jardins como nodos de uma rede verde interligada capaz de mitigar ilhas de calor, ampliar habitat para fauna nativa e reforçar a resiliência urbana. A

prioridade a espécies autóctones e a plantios diversos, ajustados ao solo e ao clima do Porto, reduz necessidades de rega, melhora a prestação ecológica e oferece alimento e abrigo a polinizadores e avifauna, mantendo a autenticidade paisagística do conjunto. Em paralelo, soluções naturais de drenagem — bacias de retenção discretas, pavimentos permeáveis e áreas de infiltração — permitem gerir águas pluviais de forma eficiente, atenuar cheias e repor a humidade do solo, alinhando gestão hídrica com desenho de espaço público.

A escala humana é o outro pilar: acessibilidade universal, percursos contínuos, assentos confortáveis e sombra nos pontos de permanência elevam a qualidade de vida e a equidade de acesso, devendo a avaliação basear-se em indicadores de uso real e em métricas de inclusão e saúde no espaço público. Combinadas, estas opções permitem respeitar a identidade histórica e, ao mesmo tempo, responder a riscos climáticos e pressões de uso, posicionando os jardins urbanos como protagonistas de uma cidade mais habitável, saudável e justa.

## 5.2 Propostas de Melhoria e Integração Funcional

De acordo com Jorge Figueira (2002), no novo Silêncio da Cordoaria, *“A intervenção no Jardim da Cordoaria revelou-se como a mais polémica no âmbito da operação proposta pelo Porto 2001 de “requalificação da Baixa Portuense”. É, de facto, a mais significativa do ponto de vista da alteração de escala, uso e desenho de uma estrutura preexistente, até então entendida como património do Porto. É esta questão que o projecto coordenado por Camilo Cortesão e Mercês Vieira, em colaboração com o arquitecto paisagista João Nunes, levanta, ao ousar manipular o traçado “romântico” do jardim sobrepondo-lhe uma malha geométrica que admite, no entanto, a manutenção praticamente integral das árvores (...).No projecto da Cordoaria, o “tabuleiro” pedonal liga fisicamente estruturas tão díspares como a Faculdade de Ciências e o “quarteirão do Piolho”, que são assim artificializadas, envolvidas por um silêncio que lhes muda o carácter. A perda parcial de ligação com a escala viária e a criação de pavimentos extensos desloca ambas as estruturas da sua escala “natural” e aproxima-as, pondo-as em confronto. O que é interessante é que há aqui uma cidade diferente a ser esboçada, uma nova lógica urbana que não provoca somente alterações funcionais, mas também de escala, de gravidade, de luz, de sentido cultural. Circulando à volta da vasta área pavimentada, os automóveis e os autocarros não vão poder seguir o eléctrico que cruzará o jardim, intersectando a geometria resoluta da nova Cordoaria.*

O debate em torno das intervenções recentes no Jardim da Cordoaria, especialmente a requalificação promovida no âmbito do Porto 2001, evidencia os desafios inerentes à atualização de espaços históricos para usos contemporâneos, sem comprometer o seu valor patrimonial e identitário. Como sublinha Jorge Figueira (2002), estas transformações colocaram em confronto lógicas distintas — entre o traçado romântico original e as novas soluções geométricas e pavimentadas —, alterando escalas, usos e perceções do jardim.

Esta crítica reforça a necessidade de ancorar futuras propostas de melhoria no respeito pelo carácter acolhedor e informal do espaço, privilegiando a reintrodução de vegetação naturalista, a preservação dos alinhamentos arbóreos e a valorização dos elementos paisagísticos de raiz histórica.

Assim, propõe-se para o Jardim da Cordoaria uma recuperação do traçado paisagístico em harmonia com o seu legado romântico, acompanhada de melhorias de acessibilidade, como pavimentos táteis, rampas suaves e mobiliário urbano ergonomicamente adequado a públicos diversos e séniores. Ressalta-se que a funcionalidade deve dialogar com o reforço simbólico, promovendo experiências acolhedoras e inclusivas que potenciem o sentimento de pertença coletiva.

No caso da Praça dos Leões, as propostas de reorganização devem conciliar o uso turístico crescente com a forte dimensão académica. Recomenda-se a criação de novas áreas sombreadas por vegetação autóctone e estruturas bioclimáticas, acompanhadas de sinalética interpretativa que valorize o património histórico e arquitetónico. A integração de percursos culturais pode promover uma leitura mais rica da herança urbana da praça, garantindo ainda a fluidez entre diferentes funções e públicos

## 6. Considerações finais

### 6.1 Principais Conclusões

Pensar o espaço urbano hoje é recolocar a pólis como comunidade viva, onde o espaço público sustenta pertença, participação e bem-estar; qualidade, inclusão e acessibilidade tornam-se critérios de desenho e gestão, medidos em usos reais e não apenas em extensão física. Esta leitura alinha com a abordagem centrada nas pessoas proposta por Jan Gehl, que convoca a observar e desenhar para caminhar, encontrar

e permanecer, isto é, para a “vida entre edifícios”. Importa, por isso, distinguir crescimento quantitativo de desenvolvimento qualitativo, priorizando segurança, verde urbano e fruição para todos, conforme guias internacionais de espaço público.

A valorização futura destes espaços pede um triplo foco: preservação histórica, funcionalidade contemporânea e ecologia urbana, convocando processos colaborativos de placemaking e critérios de desenho inclusivo. Em termos operacionais, sobressaem reforço de cobertos autóctones e solos vivos, acessibilidade universal (percursos contínuos, rampas suaves, pavimentos táteis e mobiliário ergonómico) e mediação patrimonial discreta que articule jardim, universidade e vida urbana, conforme boas práticas internacionais.

A Cordoaria e a Praça dos Leões confirmam esta agenda: são lugares de memória e sociabilidade com centralidade histórica e académica, amplamente documentada por sínteses institucionais da U.Porto e da DGPC. A controvérsia em torno da requalificação Porto 2001 ilustra o choque entre o traçado romântico e novas geometrias/pavimentos, alterando escalas, usos e perceções; a crítica cultural desse ciclo foi amplamente debatida na literatura de arquitetura, incluindo leituras de Jorge Figueira. As fases recentes de obra municipal procuram recompor equilíbrio ecológico e fruição quotidiana — drenagem, reposição de saibro, recuperação do lago e iluminação eficiente —, direcionando a requalificação para desempenho e conforto sem perder legibilidade patrimonial.

## 6.2 Reflexões sobre Preservação e Intervenção

O conhecimento universal com valor prático é o que enraíza em contextos locais e orienta políticas de espaço público seguras, inclusivas, verdes e acessíveis, tal como preconiza o Global Public Space Toolkit do UN-Habitat. A avaliação de qualidade deve ligar arte, natureza e cidade a métricas observacionais e de uso — caminhar, permanecer, encontrar, legibilidade e sombra — para que decisões respondam à vida real dos lugares. A abordagem de Gehl recorda que qualificar a “vida entre edifícios” é priorizar encontros e estadias, evitando que a expansão física se substitua à qualidade experiencial.

No Porto, a documentação institucional sobre a Cordoaria reconhece tanto a relevância histórica como as tensões trazidas pela requalificação do virar do milénio; as obras em curso apontam hoje para soluções de drenagem, reposição de saibro, recuperação do

lago e iluminação sustentável, numa tentativa de compatibilizar conservação e uso quotidiano. Em convergência com estratégias de natureza para a cidade, a expansão de cobertos arbóreos e a gestão do solo surgem como pilares de resiliência ecológica em contextos de alta pressão de uso.

A governança destes lugares deve conjugar salvaguarda patrimonial com co-criação de usos através de processos de placemaking, promovendo participação continuada e ativação cultural; esta via é também a que melhor se ajusta a programas internacionais que ligam qualidade espacial a benefícios públicos tangíveis e duradouros.

### 6.3 Limitações do Estudo e Sugestões para Investigação Futura

O estudo não contou com inventário florístico atualizado e georreferenciado para a Cordoaria e a envolvente dos Leões, limitando a leitura fina do potencial ecológico e das prioridades de manejo; a escassez de séries iconográficas específicas para a Praça condicionou a análise diacrónica de transformações morfológicas e de uso. Para colmatar, propõe-se integrar metodologias participativas que combinem observação in situ com entrevistas simultâneas (walkthroughs/focus groups), captando perceções, hábitos e expectativas de públicos diversos, em linha com ferramentas de avaliação de espaço público e indicadores internacionais.

A evidência sobre participação e construção de consenso mostra que processos bem estruturados elevam a qualidade das decisões e reduzem conflitos em contextos patrimoniais sensíveis; daí a recomendação de explorar modelos de co-gestão e estratégias à escala de rede, alinhando município, universidades e comunidades com instrumentos de diagnóstico, inventário e avaliação contínua do sistema de espaços públicos. Em síntese, a agenda futura deve articular inventariação ecológica rigorosa, documentação histórica e investigação participativa aplicada, consolidando princípios de qualidade centrados nas pessoas e uma governança colaborativa que sirva a Cordoaria e a Praça dos Leões como sistema vivo no coração do Porto.

## Referências Bibliográficas

- Andresen, T., & Marques, T. P. (2001). *Jardins históricos do Porto*. Edições Inapa.
- Câmara Municipal do Porto. (2022). Plano de arborização da cidade do Porto: Relatório fase 2 (Proposta de plano). Departamento de Planeamento e Gestão Ambiental.
- Costa, A. R. (1945). *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto* Imprensa Nacional.
- Costa, A. R. (2012). *Jardins, parques e quintas de recreio no arco do Porto* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto].
- Farinha-Marques, P., Fernandes, L., Gaio, F., Costa, D., & Guilherme, J. (2023). *Espaços naturais e espaços verdes urbanos do Porto: Orientações para a definição da estrutura ecológica municipal*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- Ferreira, P., & Ribeiro, T. (2017). O impacto das dinâmicas turísticas nas praças históricas: O caso da Praça dos Leões no Porto. *Cadernos de Turismo*, 29(2), 98–112.
- Guedes Vidal, D. (2013). *Além do verde: Jardins e parques públicos urbanos na cidade do Porto* [Tese de doutoramento, Universidade Fernando Pessoa].
- Lemos, M. A., & Santos, F. (2015). A requalificação dos espaços verdes urbanos e a sua importância para a qualidade ambiental das cidades. *Revista de Gestão Urbana*, 7(1), 56–73.
- Martins, D. (2020). A gestão participativa dos espaços verdes urbanos: Modelos colaborativos e boas práticas. *Cadernos de Ecologia Urbana*, 8(1), 34–50
- Martins, R. S., & Fernandes, H. (2017). Water landscapes and history / Paisagem, água e história. *Journal of Environmental History*, 9(4), 201–220
- Moreira, T. L., & Gomes, P. (2008). O florescimento dos espaços públicos de lazer e de recreação em Porto Alegre e o protagonismo de Frederico Guilherme Gaelzer. *Cadernos de Urbanismo*, 12(1), 95–110

Nunes, J., Ribas, C., Cortesão, C., & Vieira, M. (2001). Projetos de reabilitação do Jardim da Cordoaria. *Revista de Arquitetura Paisagista*, 14(2), 45–61

Oliveira, V., & Figueiredo, P. (2012). *Jardins, parques e quintas de recreio no arco do Porto*. Universidade do Porto.

Pereira, A., & Costa, M. (2021). Biodiversidade urbana e adaptação climática: O papel das árvores autóctones na cidade do Porto. *Revista Ambiente & Sociedade*, 24(1), 77–94.

Ramos, J., & Alves, D. (2011). Entre moradas, ruas e estórias: Ensaio etnográfico sobre ruptura, memória do trabalho e itinerários urbanos em uma vila operária na cidade de Porto Alegre. *Revista de Antropologia Urbana*, 7(3), 77–93.

Silva, M. A., & Pereira, R. T. (2017). Os jardins de recreio em Porto Alegre/RS: Uma análise da relação entre a política pública e a constituição de uma educação na República (1920 a 1950). *Revista de História e Educação*, 15(2), 123–140.

Silva, R. M. (2019). Planeamento urbano e sustentabilidade: Desafios e estratégias para a proteção dos jardins históricos. *Revista Portuguesa de Arquitetura Paisagista*, 14(3), 45–65

Vidal, D. G., Maia, M., Vilaça, S., Fernandes, P., & Farinha-Marques, P. (2021). Usos e perceções sobre jardins e parques públicos urbanos na cidade do Porto. *Finisterra*, 56(112), 123–137

## Referências Webgráficas

Ambiente — Câmara Municipal do Porto. (2023). *Estrutura verde e parques do Porto*.

<https://ambiente.cm-porto.pt/estrutura-verde/estrutura-verde>

Associação Portuguesa de Arquitetura Paisagista. (2023). *Sustentabilidade e inovação na paisagem urbana*

<https://apap.pt/revistas/sustentabilidade-paisagem-urbana/>

BOM DIA Bélgica. (2016). *Como o turismo afeta o desenvolvimento urbano da cidade do Porto*.

<https://bomdia.be/como-o-turismo-afeta-o-desenvolvimento-urbano-da-cidade-do-porto/>

Câmara Municipal do Porto. (2021). *Plano Diretor Municipal do Porto*.

<https://portaldomunicepe.cm-porto.pt/pt/-/planeamento-e-ordenamento-do-territ%C3%B3rio>.

Câmara Municipal do Porto. (2024). *Estratégia de base para a dispersão dos fluxos turísticos do destino Porto (Relatório global)*.

[https://www.google.com/search?q=C%C3%A2mara+Municipal+do+Porto.+Estrat%C3%A9gia+de+base+para+a+dispers%C3%A3o+dos+fluxos+tur%C3%ADsticos+do+destino+Porto+\(Relat%C3%B3rio+global\)&rlz=1C5CHFA\\_enPT1076PT1077&oq=C%C3%A2mara+Municipal+do+Porto.+Estrat%C3%A9gia+de+base+para+a+dispers%C3%A3o+dos+fluxos+tur%C3%ADsticos+do+destino+Porto+\(Relat%C3%B3rio+global\)&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDk0OGowajE1qAllsAIB8QWMYYYsoqUANj\\_EFjGGLKKIADY8&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=C%C3%A2mara+Municipal+do+Porto.+Estrat%C3%A9gia+de+base+para+a+dispers%C3%A3o+dos+fluxos+tur%C3%ADsticos+do+destino+Porto+(Relat%C3%B3rio+global)&rlz=1C5CHFA_enPT1076PT1077&oq=C%C3%A2mara+Municipal+do+Porto.+Estrat%C3%A9gia+de+base+para+a+dispers%C3%A3o+dos+fluxos+tur%C3%ADsticos+do+destino+Porto+(Relat%C3%B3rio+global)&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDk0OGowajE1qAllsAIB8QWMYYYsoqUANj_EFjGGLKKIADY8&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

Domus Social. (2024, 25 setembro). *Estratégia para o aumento das áreas verdes inclui expansão do Parque da Cidade e do Parque de São Roque*. Recuperado em 25 de setembro de 2025, de

<https://www.domussocial.pt/noticias/estrategia-para-o-aumento-das-areas-verdes-inclui-expansao-do-parque-da-cidade-e-do-parque-de-sao-roque>

Hey Porto. (2018, 11 outubro). *Praça Gomes Teixeira (Praça dos Leões)*.

<https://www.heyporto.com/praca-gomes-teixeira-praca-dos-leoes/>

IPMA — Instituto Português do Mar e da Atmosfera. (2022). *Mudanças climáticas e impactos nos espaços verdes urbanos*.

<https://www.publico.pt/2025/05/30/azul/opiniao/salvar-vidas-infraestrutura-verde-urbana-valor-esquecido-arvoredo-espacos-verdes-urbanos-2134007>

LIFE MyBuildingsGreen. (2023). *Porto debate como usar a natureza para adaptar as cidades às alterações climáticas*.

<https://life-mybuildingsgreen.eu/pt/porto-debate-como-usar-a-natureza-para-adaptar-as-cidades-as-alteracoes-climaticas-e-mostra-exemplos-concretos-daquilo-que-esta-a-ser-feito-na-cidade/>

Monumentos.gov.pt. (2015). *Jardim da Cordoaria / Jardim de João Chagas (SIPA 5500)*.

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/Default.aspx](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx)

Portos Online. (2023). *Porto, um destino turístico no rumo certo*.

<https://portusonline.org/porto-um-destino-turistico-no-rumo-certo-2/?pdf=8350>.

Porto.pt. (2024, 2 março). *Jardim da Cordoaria, uma montra de arte e história*.

<https://www.porto.pt/pt/noticia/historias-da-cidade-jardim-da-cordoaria-uma-montra-de-arte-e-historia>.

Porto Secreto. (2024, 27 abril). *Jardim da Cordoaria: a história do espaço que não se esconde*.

<https://portosecreto.co/jardim-da-cordoaria/>

Porto Vivo, SRU. (2022). *Reabilitação urbana e valorização do património verde no centro histórico do Porto*.

<https://portovivo.pt/pt/reabilitacao-urbana/>

SciELO. (2021). *Usos e percepções sobre jardins e parques públicos urbanos na cidade do Porto*.

[https://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0430-50272021000100137](https://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0430-50272021000100137)

SIGARRA UP — Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. (2022). *Projeto de rega sustentável dos espaços verdes urbanos.*

Turismo do Porto e Norte. (2024). *Estratégias para o turismo sustentável e a preservação do património.*

Universidade do Porto. (2023). *Relatório sobre a acessibilidade e uso dos espaços verdes no Porto.*